



Esporte
Ilustrado

Nº. 363 — — — 22-3-1945

CR\$ 1,00 EM TODO O BRASIL.

FLUMINENSE 2 SÃO PAULO 1

Comentário na Pág. 2



Os são paulinos atacaram sempre mas os fluminenses foram objetivos e oportunistas

E por isso triunfaram os cariocas por 2x1 quando um empate seria o resultado certo

Campo da Rua Alvaro Chaves.
1.º tempo — Fluminense F. C. 1-0.
Final — Fluminense F. C. 2-1.
Renda 66.154,60 cruzeiros.
Arbitro — Alzilar Costa.

QUADROS:

Formaram os contendores com esta constituição:

FLUMINENSE F. C. — Batatais; Haroldo e Morales; Vicentini, Spinelli e Afonsinho; Scylla (depois Pirombá), Magnones (depois Scylla), Paschoal, Simões e Pinhéguas.

S. PAULO F. C. — Gijo; Saverio e Alfredo; Bauer, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leonidas, Remo e Pardal (depois Barrios).

IMPRESSÕES GERAIS

Depois daquele monótono Vasco x Ipiranga, o melhor jogo da série de interestaduais promovidos pelo gremio de S. Januario, o carioca estava deseioso de um bom jogo de futebol. Aquela partida fora, apenas, um aperitivo, digamos assim.

E a antecipação da revanche Fluminense x S. Paulo veio a calhar. Haveria, por certo, bom futebol. E as atrações eram muitas. O tricolor carioca, por exemplo, faria a sua primeira apresentação de 1945 em campos cariocas, com o quadro reputado provavel titular da temporada oficial. Ver-se-ia, pela primeira vez, o zagueiro que o Fluminense prepara em substituição a Norival que não anda ás boas com a administração. No ataque lá estaria Paschoal, outra estréia. Faltaria Pedro Amorim e Norival é verdade, mas, em compensação, o fan voltaria a vêr o impressionante Batatais; o fan poderia saber se Morales havia, de fato, ganho direito á aposentadoria; o fan constataria progressos ou não de Simões e Pinhéguas; o fan avaliaria as possibilidades de Spinelli, Afonsinho e Vicentini.

E o S. Paulo F. C. não perdia para o Fluminense este páreo. Traria aos gramados cariocas o quadro que vencera o Fluminense, que exhibiria os discutidissimos Luizinho, Leonidas, Remo e Noronha. Bem, não é preciso ir além. Seria visto o quadro campeão de 1945, vice de 44 e candidato temível ao título de 45 no campeonato paulista.

Por isso, as dependencias das Laranjeiras tomaram uma ligeira enchente.

E a torcida, embora não sendo recompensada fartamente em cheio pelo seu interesse, nem por isso deixou de ter justo premio. O prélio teve um desenrolar bem movimentado, com lampejos de técnica primorosa e com alternativas de entusiasmo arrebatador. Sem dúvida, quando o brilho técnico pereceu, o entusiasmo enervante predominou, mantendo o cotejo, nos seis 90 minutos, num nivel bom.

PANORAMA TÉCNICO

Deixamos para este capítulo o comentário do merecimento da vitória ao contendor que a ganhou, o Fluminense F. C. Quem presenciou o encontro, com absoluta isenção de animos, chegou á conclusão — como nós chegamos — de que o triunfo não ficou mal ao Fluminense, mas que o empate cairia, maravilhosamente bem, no Fluminense e no S. Paulo.

As alternativas do prélio deixaram evidente que o S. Paulo atacou mais e mais perigosamente. Enquanto Batatais concedeu 10 escanteios, Gijo concedeu apenas 6. Enquanto a vanguarda do Fluminense teve pela frente uma defesa alvejada, onde Zarzur era uma falha na marcação cerrada, o quinteto dos bandeirantes mediu-se com uma retaguarda que fez alarde de muita segurança e de energia inexgotavel.

A rigor, a vitória surgiu do senso de oportunidade dos tricolores cariocas, mercê do qual surgiram os tentos. Foram chances bem aproveitadas. Por outro lado, os paulistas não tiveram muitas oportunidades e a que lhes foi mais propicia, aproveitou-a Remo para um tento magistral, indefensavel, tão preciso que Batatais — como sempre um espetáculo — nem esboçar uma defesa pôde.

Poder-se-ia considerar, ainda, como influencia séria no andamento da pejeja, uma resolução do arbitro Alzilar Costa, consignando um tento de Pirombá em indifereavel impedimento. Foi o 2-1, e não fosse validado a ninguém seria dado admitir como inevitavel um terceiro tento do Fluminense, este anulado tambem num clamoroso engano.

Por isso, muitos aceitaram o 2-1 como compensação, como resultado cômodo. Mas os são paulinos deverão estar pensando muito, a estas horas, no arbitro e em Zarzur...

Taticamente, o Fluminense, desde o inicio do jogo, mostrou que

estava aproveitando a morosidade de Zarzur para executar passes rápidos, investidas velozes, contra-ataques relampago, baseando a sua defesa no já clássico homem-a-homem. Quanto a est detalhe, andaram certos os cariocas. Mas erraram quando Magnones, um dos bons, deixou o campo, substituido por Scylla, cujo posto coube a Pirombá. Isto no segundo tempo. Foi o bastante para debilitar o ataque, aliviando a tarefa de Zarzur, e, automaticamente, permitindo que a defesa paulista corrigisse suas linhas trazeiras em beneficio dos dianteiros.

O S. Paulo que vinha marcando cerrado, tambem, e usando, com mais abundância e precisão, os revezamentos de posições dos atacantes, lutou sempre como foi dito atrás. E melhorou, consideravelmente, com a saída de Magnones do quadro carioca.

Assim vimos o que foram os noventa minutos.

Dos novos apresentados, mereceram referencias especiais Bauer e Haroldo. A zaga são paulina não andou mal. Paschoal surgiu bem, mas sem permitir um juizo definitivo. Batatais e Gijo os dois grandes elementos do gramado. E os demais veteranos, num mesmo plano. Só Pirombá e Pardal desagradaram-nos.

ARBITRAGEM

O Sr. Alzilar Costa ia bem, até que marcou um impedimento — mais do que bem marcado — de Leonidas. Os paulistas reclamaram e parece que sobreveio o descontrole. Validou um tento de Pirombá num desses impedimentos que até o juiz de jardim de infancia percebe, e marcou um de Paschoal — que goleou — quando nem por sonho existira tal. Enfim, mereceu a classificação de sofrível. E honra lhe seja feita: nem uma vez apenas deixou transparecer tendenciosidade preconcebida para um ou para outro.

O MARCADOR

Aos cinco minutos do primeiro tempo Paschoal inaugurou o marcador, espetacularmente.

E só aos 19 do segundo período Remo vinha a empatar, aproveitando-se, maravilhosamente, de um centro de Sastre.

A vitória tricolor nasceu nos pés de Pirombá, aos 51 minutos tento cometido faltosamente, como já foi comentado.

Andreata laureou-se na "Subida da Montanha"

ABERTO O CALENDARIO AUTOMOBILISTICO DE 1945

O Automovel Clube do Brasil inicia, no domingo, a temporada oficial de auto-esporte de 1945, fazendo realizar a "Subida da Montanha", prova que tem por local a bellissima estrada Rio-Petropolis.

Tal como se esperava, Catarina Andreata venceu, firmando-se como um dos bons volantes de carros de turismo. Constituiu-se fato desagradavel a ausencia da ordem de fechamento da estrada, ordem que acabou vindo, como era indispeçavel para que a corrida fosse levada a cabo.

Eis o resultado geral da competição:

1.º carro 8 — Catarina Andreata — 29' 29" — media horaria de 87,100.

2.º — carro 38 — Henrique Cassini — 30' 12".

3.º — carro 22 — José Rimoli — 23' 40".

4.º — carro 12 — Waldemar Martins Nogueira — 33' 12".

5.º — carro 14 — "Coelho da Sorte" — 35' 56".

6.º — carro 24 — Antonino Stefanini — 36' 51".

7.º — carro 26 — Manoel dos Santos Soares — 37' 43".

8.º — carro 30 — Aurelio Ferreira — 38' 24".

9.º — carro 2 — Ary Sant'Ana — 38' 37".

10.º — carro 36 — Alvaro Varranda — 39' 26".

11.º — carro 10 — Joaquim Sant'Ana — 39' 54".

12.º — carro 20 — Manoel Porfirio — 42' 25".

13.º — carro 18 — Charles Herba — 42' 57".

COMO A HISTORIA DO BODE E DA ONÇA SALVOU O BASQUETEBOLO CARIOCA...

Muita gente de boa fé não acreditou que a lei do estágio, no basquetebol carioca, pudesse ser objeto de considerações por parte dos filiados à entidade regional, com o propósito de sua abolição.

Quando aqui cuidamos do assunto, chegando a uma antevisão, tão precisa quanto o permitia o ambiente político, da opinião de certos clubes, é porque já as nossas informações estavam completas. Mas, felizmente, nem tôdas as previsões foram certas. E nós estamos satisfeitos porque uma ameaça passou. O basquetebol carioca voltou a respirar livremente.

Não se pense, porém, que o assunto não foi ventilado pelos poderes competentes, nada disso. Nunca tivemos a pretensão de admitir que um simples brado de alerta desta página tivesse o extraordinário mérito de dar olhos aos cegos. Tanto não tivemos que durante o almoço de homenagem ao Cel. Moacir Toscano, presidente da F. M. B., aproveitamos a oportunidade para comentar o assunto com Melo Junior e Mauricio Naslawsky, cronistas especializados dos mais idealistas e dêles tivemos, pelas páginas dos seus jornais, novas e mais capacitadas advertências dos perigos a que se exporia o basquetebol guanabarrino com a cessação do estágio na transferência de amadores. Tanto não tivemos que, ao entrevistar o Cel. Moacir Toscano, ao microfone da Rádio Globo, abordamos o assunto, mais uma vez, ouvindo, dêle, palavras que só atendiam aos interesses do desporto da cesta.

A tentativa, porém, foi feita.

É felizmente para o basquetebol e confortadoramente para nós, para o Melo Junior, para o Mauricio Naslawsky, para todos que repudiaram os leves prenúncios da tentativa, esta resultou inútil. Houvera motivos, porém, para sérias apreensões. O diretor de basquetebol do Tijuca T. C., quase que com atribuições de coordenador, expusera a questão a certos padres, buscando adesões para a revogação do estágio. Antonio Cabo, diretor geral de desportos do Tijuca T. C., em palestra com Waldemir Santos, presidente de desportos amadores do América F. C., dissera que, embora sendo a favor do estágio, por questões de administração interna não se dispunha a contrariar o seu diretor de basquetebol. José Miranda, líder incansável do basquetebol no Riachuelo T. C. — um centro notável em produção de craques de primeira linha — afirmou ao árbitro Afonso Lefever que o seu clube ventilaria a reforma da lei, no sentido da livre transferência. A A. A. Carioca fora das primeiras instituições a se pronunciar ao lado dos abolicionistas. E, por último, o noticiário jornalístico adiantou que o Clube Aliados também levantaria a questão a favor da eliminação do estágio! Sabia-se, Reis Carneiro, seu vice-presidente para os desportos amadores, erguera a bandeira situacionista, que o Fluminense F. C. lutaria com tôdas as armas contra os abolicionistas. E o C. R. Flamengo, o C. R. Vasco da Gama, o Botafogo F. R. que pensariam? As circunstâncias e as verdades inenarráveis do basquetebol induziam à certeza de que estariam também contra o estágio!

Nós, então, mais do que afeitos às coisas da política desportiva, acabamos por achar que o basquetebol só se salvaria da ameaça com a história do bode e da onça.

E não temos a menor dúvida de que foi assim que êle se salvou, por enquanto.

O Clube Aliados, precisamente o que, na sua condição de menos poderoso, material e tecnicamente, poderia ser dos mais maltratados pela eliminação do estágio, cresceu no Conselho Supremo para abrir o estudo do problema que apresentava como tal. Nenhum "grande" tomou essa iniciativa. Mas logo se antepôs ao clube de Campo Grande o C. R. Flamengo. Seu representante, Antonio Moreira Leite, um dos sonhadores da nova geração, ciente das dificuldades que rodeiam a execução de qualquer trabalho, uniforme e metodicamente concebido, no basquetebol, fez-se logo o primeiro farol a advertir seus companheiros. O Moreira Leite não fez mais, embora todo o seu noviciado desportivo, do que repetir aquêles argumentos que levaram os clubes do basquetebol a crear a lei do estágio que êles queriam, agora, derrubar!

E nenhum outro conselheiro entrou no assunto.

A votação foi pela continuação do estágio. E a única surpresa entre os que apoiaram a abolição — três somente — foi a de lá se encontrar o América F. C.! Por que? Talvez só o seu representante, no momento, Abelardo Azevedo, possa responder a contento...

Então — estarão dizendo os nossos leitores — mais uma vez os clubes não puderam derrotar os argumentos, a realidade que êles mesmo descobriram ao votar o estágio? Não, não foi isso. Acreditamos que muitos clubes queriam ardentemente, as transferências livres, pois assim poderiam alimentar ilusões quanto à conquista de um título em 1945 ou de uma posição melhor que a de 1944.

A história do bode e da onça é que salvou tudo.

E querem saber a história, não é?

Aí vai.

Uma vez, em meio de uma tempestade, encontraram-se, à porta de uma cabana acolhedora, uma onça e um bode. Já se vê que não se olharam como amigos inseparáveis. Mas a inclemência do tempo era mais forte e venceu o medo de ambos. O do bode, temeroso dos dentes da onça e a onça receiosa dos chifres do bode. Entraram e começaram a conversar. E a certa altura o bode deu um espirro. A onça assutou-se tôda. O bode, então, tranquilizou-a, dizendo que só devia ter medo no terceiro espirro. Aí, sim, a coisa estaria séria. A onça tomou bem nota. E a certa altura deu um dos seus rugidos pavorosos. O bode só faltou morrer de medo. Mas a onça tranquilizou-o, avisando que só no terceiro rugido é que havia perigo. Alta noite o bode espirrou, novamente, e a onça rugiu também. Começaram ambos a tremer, apavorados, e quando o bode deu o terceiro espirro, a onça rugiu pela terceira vez. E dispararam ambos, um para cada lado, alheios à tempestade e ao comodismo da cabana, um fugindo dos dentes da onça e a outra aterrorizada com os chifres do bode.

E foi por isso que 9 clubes, entre êles o Riachuelo T. C., o Tijuca T. C., a A. A. Carioca, o Botafogo F. R., o C. R. Vasco da Gama, votaram pela lei do estágio...

SONHO DE CRAQUE



Aqueles que durante toda a vida tem apenas um sonho, são felizes. Ter esse sonho pe-

quenino, senti-lo crescer. Ir aos poucos aperfeiçoando-o até senti-lo tão perfeito que quase o

acha real.

Ter apenas um sonho.
Viver. Fazer de tudo na vida.

Mas sempre com aquele sonho no coração.

O sonho é um incentivo. Estimula.

Muitas vezes quando as decepções nos surpreendem, depois de tudo, aparece o nosso ideal, limpo e alto, ajudando a levantar e a viver outra vez.

E assim sendo, como viver sem sonhos e sem ilusões? Tudo isso faz parte da vida.

Ary desde criança tem um sonho. Nunca sentiu despontar um segredo ideal no coração. Apenas aquele sonho nasceu e cresceu, até fazer parte integrante de sua vida.

Ary foi um menino insuportável. Pensava em tudo menos no que devia pensar.

Ir a escola, por exemplo, era coisa rara. Passavam-se seis meses sem que ele passasse sequer pela porta da escola.

Ele se esquecia completamente de que existia um colégio onde havia uma matrícula com o seu nome.

Todos os dias, com sol e com chuva, ele se levantava rápido, empunhava o seu anzol, e caminhava em direção ao rio. Pescar era tudo quanto ele sabia.

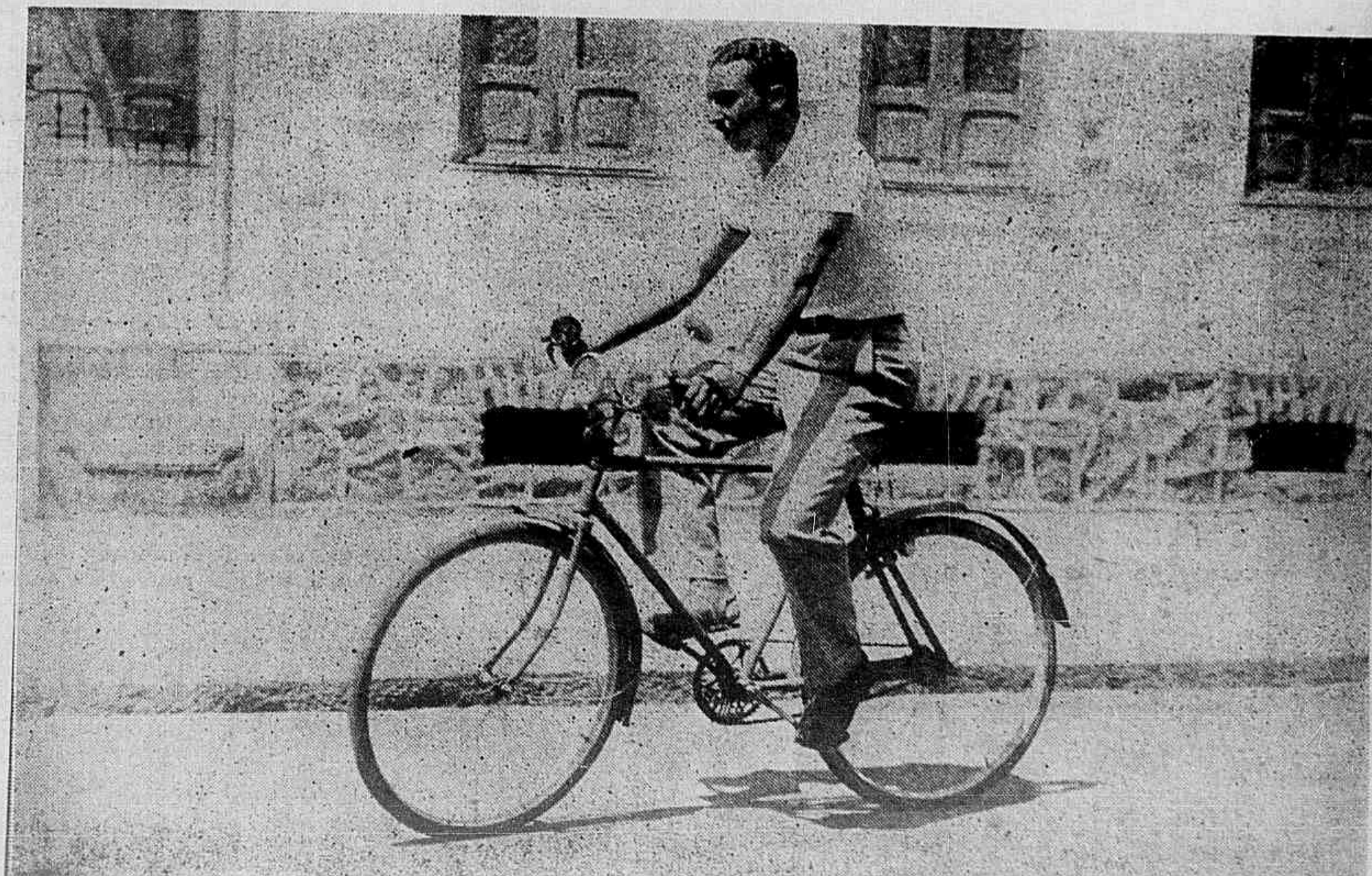
E quando esse botequim era um que tinha uma caixa registradora e uma confortável cadeira diante dela, então Ary sonhava ser dono de botequim.

Já então Ary trabalhava como mecânico. Mudar pneus, peças sobressalentes, enfim, concertar qualquer parte do carro, tal era o seu trabalho. Assim, podia dar à família sua pequena, mas bem recebida contribuição.

Mas, debaixo de um carro, as mãos sujas, a cara cuja, sujo e macacão, Ary tinha sempre a cabeça cheia de fantasia. A fantasia de um sonho...

ARI É UM CAMARADA BONITÃO. ELE OLHA A VIDA DE CIMA, COMO SE VIVESSE TREPADO NUMA ESCADA... MAS ISSO QUER DIZER NÃO QUE SE FAÇA DE "O TAL", NAO, MAS QUE DEIXA DE DAR IMPORTANCIA A COISINHAS QUE PREOCUPAM TANTA GENTE.

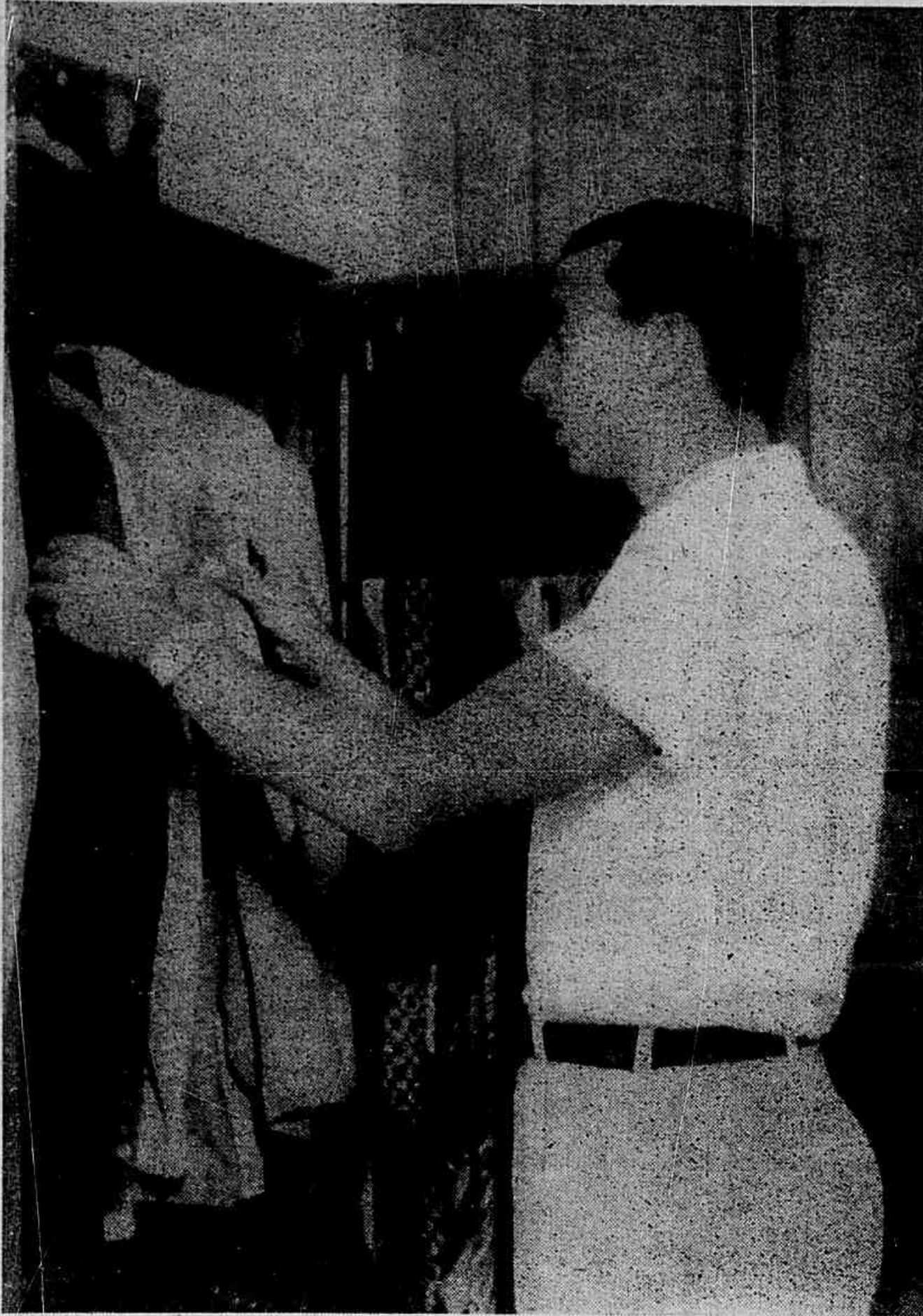
A ASPIRAÇÃO DO BOTEQUIM, POR EXEMPLO, É CARACTERÍSTICA. ARI NASCEU PARA SER IGUAL A TODO MUNDO. DE NADA LHE VALE UM GUARDA-ROUPA FABULOSO QUANDO A BICICLETA ENTPA EM CENA OU QUANDO AS PANANAS, Á PORTA DA QUITANDA, ESTÃO APETIOSAS. O ARI, GRANDE GOLEIRO DO BOTAFOGG, É ASSIM.



Ary quisera ser botequineiro... um ar claro, alegre... Sorrir às pequenas dos sorvetes... fiar...

Fotografias de NEWTON VIANNA

Reportagem de PAULO RODRIGUES



DONO DE BOTEQUIM

O pequeno Ary podia desprezar a bola de gude e mesmo a bola de meia. Quando, porém, passava pelo botequim do "seu" Abílio, parava, rendava-o horas a fio.

Da entrada, olhava as mesinhas e as cadeiras que rescendiam falta de limpeza, mas que aos seus olhos eram a nota máxima da elegância em matéria de botequins.

Abriu e fechar a caixa, mexer naquele dinheirão todo, tudo aqui-

lo era admirável, pensava Ary. Nada havia melhor do que ser dono de botequim.

Lá sentado na sua cadeira, o botequineiro conversava em altas vozes.

Desde política até os filmes do momento. E todos aprovavam as opiniões do gordo botequineiro. Passar o pano sujo e molhado pelo balcão, vociferar injúrias ao empregadinho, que, descuidado, manchasse com café ou gordura o "tropical inglês" dos freguezes mais considerados da casa!

Ter almoços suculentos, regados a virbo, com o empregadinho solícito, servil, a agradecer

Não conhecer problemas do fumo. Variar como bom entendedor de cigarros e provar inclusive das legítimas cigarrilhas inglesas.

Que maravilha.

A cada dia conhecer um homem letrado, culto, importante. Ter quase intimidade com eles, trocar idéias.

Amarrar a cara para os "moscas", fazer insinuações aniquilantes. Como, por exemplo: a conveniência urgente de procurarem uma pedreira.

O tempo foi passando. Ary foi crescendo mais e mais. E a medida que crescia em tamanho e em idade, o tal botequim foi



Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones — Direção: 22-2622; Redação: 22-4447; Administração: 22-2550. Endereço telegráfico "Revista". Número avulso, Cr\$ 1,00. Número atrasado, Cr\$ 1,20. Assinaturas — Porte simples para o Brasil e as três Américas: Ano, Cr\$ 42,00. Semestre, Cr\$ 22,00. Sob registro: Ano, Cr\$ 63,00. Semestre, Cr\$ 33,00. Estrangeiro: Ano, Cr\$ 133,00. Semestre, Cr\$ 67,00. Sucursal em São Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone, 4-7866. Agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE, S. Knopp & Cia., Times Building, New York City; ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA, D. Spanos. Caixa Postal 434, Lourenço Marques; URUGUAI, Moratori & Cia. Constituyente, 1746, Montevideo; Sucursal na ARGENTINA, "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser enviada ao diretor.

Esporte
Ilustrado

CRÔNICA DO CEARÁ

Torneio Municipal com seis clubes "Panamá" e "Flamengo" na primeira divisão

De INDIO DO JAGUARIBE

Em sessão importantíssima da "Federação Cearense dos Desportos", que foi presidida pelo Cap. Galileu Saldanha, brioso oficial do Exército Nacional e com a presença dos ilustres drs. Ubirajara de Negreiros, Osiris Bastos; sr. Aloizio Milfont, Cap. Moura Dias e a cronista esportiva da cidade, ficou assentada a data do início para o torneio municipal, que será no domingo vindouro, com o encontro principal: Flamengo e Panamá, os dois benjamins da mentora dos nossos esportes.

O JOGO DE ABERTURA DO MUNICIPAL E A TABELA DO TORNEIO:

O primeiro encontro como já dissemos, será realizado entre os dois mais novos clubes da 1.ª linha, ou sejam "Flamengo" e "Panamá", ambos formados por atletas que muito prometem para o futuro. O "Panamá", que é considerado o clube "real" dos suburbios, pretende fazer bonita figura, enquanto o "vovô" de Alfredo Ramos não esconde a sua esperança de muito brilhar também.

Dirigirá o primeiro jogo o juiz Armando de Souza, auxiliado pelos juizes Juraci e Teopisto.

A F. C. D., será representada pelo tenente Bandeira.

A TABELA DOS JOGOS DO TORNEIO

O sorteio dos jogos do Torneio colocou os disputantes na seguinte ordem:

- 1.º — Ferroviario x Flamengo
- 2.º — Panamá x Luso
- 3.º — Fortaleza x Maguari
- 4.º — Ferroviario x Panamá
- 5.º — Luso x Maguari
- 6.º — Fortaleza x Flamengo
- 7.º — Ferroviario x Luso
- 8.º — Maguari x Flamengo
- 9.º — Fortaleza x Panamá
- 10.º — Ferroviario x Maguari
- 11.º — Flamengo x Panamá
- 12.º — Fortaleza x Luso
- 13.º — Panamá x Maguari
- 14.º — Ferroviario x Fortaleza
- 15.º — Flamengo x Luso

DEIXOU A DIREÇÃO DE ESPORTES O SR. CAPITÃO MOURA DIAS

Com a palavra, o sr. capitão Moura Dias, pediu exoneração do cargo de diretor de esportes da F. C. D., por ter de deixar o nosso Estado em breve, a fim de servir ao Exército na capital da República.

Agradeceu o ex-diretor de esportes a colaboração dos bons amigos que encontrara em nossa terra no meio pebolístico e dissera do modo criterioso como procedera no cargo mais espinhoso da F. D. C.

O dr. Ubirajara Negreiros, com a palavra, lamentou o que vinha de perder o esporte cearense, com

o afastamento do capitão Moura Dias do nosso Estado, e lembrando os valiosos serviços que o mesmo prestara ao nosso atletismo.

Seguiram-se com a palavra varios oradores, todos unanimes em reconhecer os bons serviços prestados á mentora pelo capitão Moura Dias.

O DR. BELEM DE FIGUEIREDO DIRETOR DE ESPORTES DA F. C. D.

Depois de agradecer as homenagens que lhes prestaram os conselheiros, o sr. capitão Moura Dias, lembrou o nome do dr. Belem de Figueiredo, desportista dos mais trabalhadores que encontrara em nossa terra e que se acha sempre pronto para servir o desporto cearense, para o cargo que vinha de deixar.

Por unanimidade foi aceito o nome do dr. Belem de Figueiredo para dirigir o importante cargo de diretor de esportes da F. C. D.

MAIS DUAS PROPOSTAS

O dr. Ubirajara Negreiros propusera que se desse o nome de "Taça Capitão Moura Dias", ao troféu a ser disputado no campeonato de 1945.

O sr. Osiris Bastos aventou a idéia do Conselho Diretor prestar signitificativa homenagem ao sr. capitão Moura Dias.

Foram aceitas as propostas. E assim se preparam os gremios alencarinios para as futuras lutas que terão de enfrentar em disputa do "Municipal", onde serão credenciados os clubes que terminarão o Campeonato Cearense de Futebol.

A VINDA DO FLAMENGO AO NORTE DO PAÍS

Um jornal da terra, dias atrás, ventilou que o glorioso "Flamengo" pretendia vir até o Norte, jogando na Bahia, Recife e Ceará. Essa noticia pôs os esportistas daqui em verdadeiro delirio.

A se realizar a excursão dos rubro-negros ao Ceará, não será demais que ele traga até nós um cronista carioca, e, por falarmos nisso, o nosso confrade de "Esporte Ilustrado".

Aqui, a cronica esportiva da cidade estará pronta para abraçá-lo e recebê-lo como verdadeiro irmão.

**Numeros atrasados
desta revista no**

**Pará
PEDIR A**

**Albano H. Martins & Cia.
Trav. Campos Sales, 85 - Belém**



perdendo muito do seu encanto primitivo.

As mesas e as cadeiras já apareciam acanhadas e sujas. O garçon parecia mais insignificante ainda. E o dorso, esse, tornara-se surpreendentemente um imbecil que só dizia asneiras e mentiras. E com uma agravante: não tinha nenhuma compostura, só praguejava, cuspiam a toda hora e em toda parte. Era barrigudo, por rigidos principios economicos usava umas botinas horrorosas

de sola dupla; andava em completo desalinho e suas unhas viviam de luto.

Em suma: ser botequinhoeiro não era positivamente lisongeador.

Então Ary aperfeiçoou o seu sonho. Nada de sordidos botequins. Um bar. Isso sim. Um bar claro e alegre. Com vitrola mesas laqueadas, que convidassem a comer coisas boas e apetitosas.

Espelhos e coisas bonitas por toda a parte. E ele, Ary, bem vestido, dirigindo o seu bar, sorrindo as pequenas amantes dos sorvetes e dos retrescos.

Gentil para todos. Como, por exemplo, fiando cigarros aos moços banhistas desprevinidos. Ou, então, servindo copo d'água atrás de copo d'água, de boa cara, sem interesse, só para agradar.

Fazer do seu bar, um céu aberto, uma coisa encantadora, mais bonita que qualquer outra de Copacabana.

TEM CASPA?
Caem os Cabelos?
JUVENTUDE ALEXANDRE
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS
ELIMINA A CASPA
Evita a Queda



ECOS DO CHILE

Dentre as últimas fotografias que recebemos de Santiago do Chile, como sempre do serviço especial do semanário "Estadio" para ESPORTE ILUSTRADO, destacamos estas, referentes ao jogo dos brasileiros com os chilenos. Esta peleja, que significou para os locais a perda do primeiro posto do campeonato, foi uma lição de desportividade, tendo os chilenos abraçado seus vencedores, leal e elegantemente. Aqui vemos Heleno, em cima, recebendo os cumprimentos de Barrera, e, em baixo, com Zizinho, Jair, Ademir, Oberdan e Jaime, no intervalo dos tempos.



Bem diverso do estudo teórico é o prático, no plano esportivo...

Entretanto, não deixa de existir, além d'uma correlação de resultados, entre êles, a necessidade também daquela sequência destes estudos, para um completo desenvolvimento, tanto de ação, como do que será melhor dizer, do desporto que se queira praticar.

Se afigura no desporto como estudo teórico — a preocupação do iniciante, em assimilar em toda a sua plenitude a complexidade dos *itens* de que se compõem Regras e Leis, através não só de uma assídua leitura, como também, nas comparações da assimilação, para com os espetáculos esportivos que presenciará, como estudo.

E', assim, profundamente necessário que na consciência do praticante de qualquer desporto esteja clara e solucionada a razão de ser do que lhe ditará a ação prática no momento.

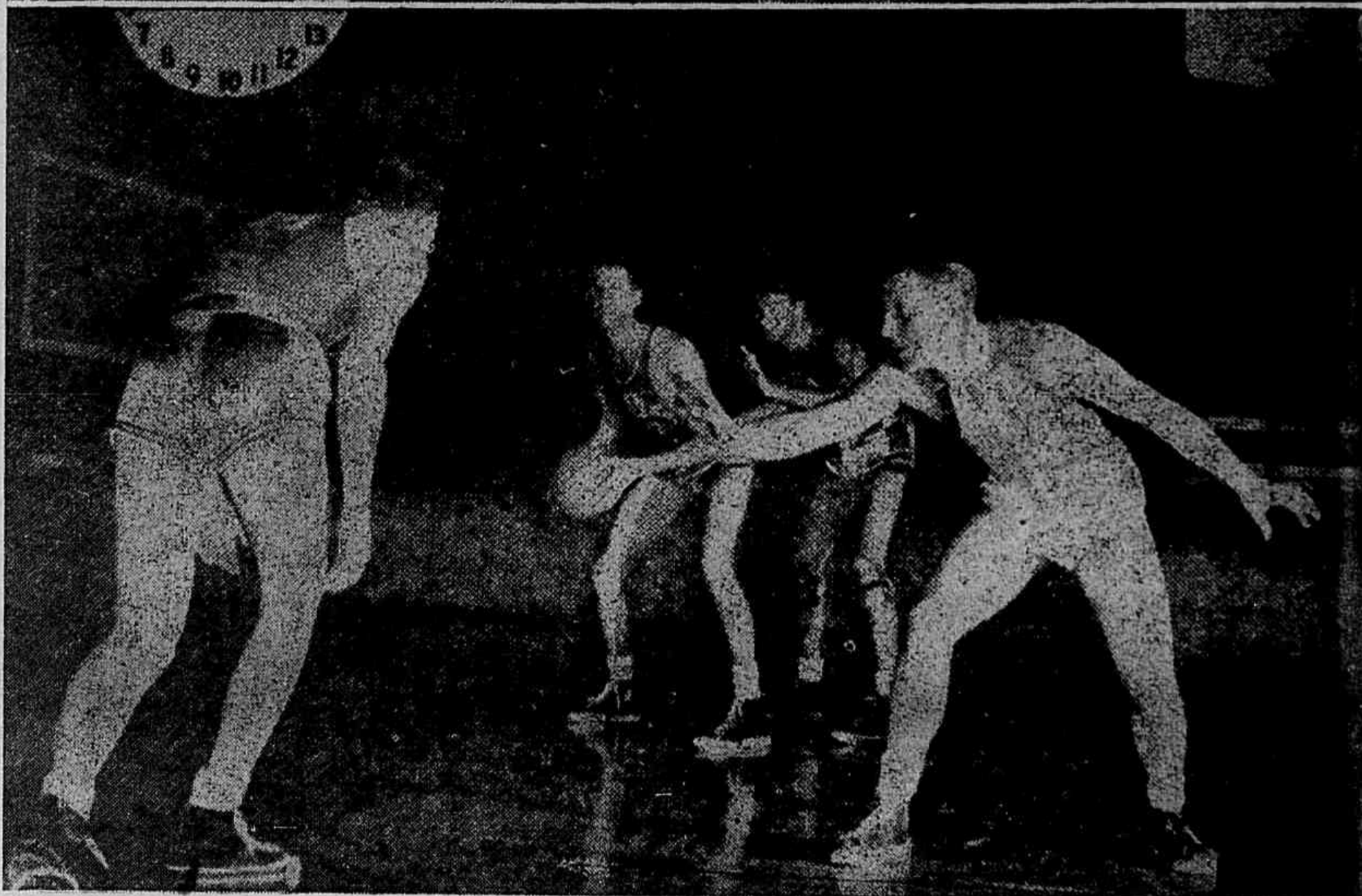
E' como si fôra um regulador a autorizar ou não a situação do que se pretenda executar.

Mas, para que assim possa ser procedido ou processado é que inicialmente todo o indivíduo se deterá na compreensão estudiosa das Leis e Regras, até um conhecimento claro, uma familiarização segura, enfim, uma compatibilidade absoluta à execução prática das mesmas com desenvoltura físico-mental.

Já a prática na sua execução, nada mais é do que o preparo físico convenientemente e suficientemente feito à altura do esforço a ser realizado a fim de ser mantido um discernimento completo da teoria, em todo o seu proveito, isto porque, cousa alguma, de assimilação, discernimento elucidação enfim, poderá ser conseguido de um cérebro, onde o seu corpo esteja fatigado...

Do contrário, estando o físico bem preparado para o exercício e a mente altamente instruída nas Leis e Regras do desporto que se vai praticar, as sequências da ação prática com o capricho individual e o aproveitamento técnico advindo das competições, trarão fatalmente as desenvolturas e progressos sempre crescentes do desenvolvimento natural das cousas, pela evolução também natural que o conhecimento delas traduzirá nos praticantes.

Resumindo, mas repetindo por assim ser necessário entre nós, direi, que, estudando acentuada-



Estas gravuras que aqui não são, como parecem, detalhes da filmagem de um jogo. São apenas fases de treinamento. Nos EE. UU., faz-se assim. Leva-se uma questão ao terreno teórico em seguida, cuida-se dele, praticamente. A filmagem faz parte das sessões de estudo das táticas e da instrução individual. Estas quatro fotos, por exemplo, mostram um ataque feito pelo flanco esquerdo — o quadro de camisa clara marcando por homem — e que resulta em pleno êxito apenas pela aplicação habil de uma idéia. Em cima, o jogador 19, de posse da pelota, procura passá-la ao seu companheiro. Note-se como os jogadores de camisa clara vigiam os contrários barrando-lhes o caminho. Em seguida nota-se já o 19 tentando furar a defesa, depois de passar a bola ao seu companheiro avançado. Mas a tentativa é apenas um truc, pois o 19 recebe a bola rápido, e mais rápido a devolve ao seu companheiro, de gabelo, após este girar, desvencilhando-se da marcação, como se vê no primeiro quadro á direita. O detalhe interessante do quadro imediato não é a cesta que o jogador de camisa escura, aquele que escapou girando e sim a atenção do jogador que marca o 19, impedindo que este receba um passe do 18, acossado, o que lhe daria uma situação folgada para encestar.

Quando, no Brasil, teremos os estudos técnicos tão avançados, a ponto de empregarem filmes?

mente Leis e Regras para bem infiltrá-las na consciência, teremos o modo único e indissolúvel da assimilação daquelas para um rapidíssimo efeito prático.

Estará, portanto, sempre e sempre no estudo teórico acurado, o único método insofismavelmente correto e produtivo 100%, para um eficiente trabalho de prática, assim como na maneira mais proveitosa dos rápidos julgamentos para efeitos defensivos e ofensivos nas oportunidades diversas, à afeição do empregado pelo adversario ou competidor outro, àquele momento.

E', outrossim, na ansiedade de progresso, na demasiada atenção voltada ao exibicionismo ou anseios de exibição em público, e, ainda na situação de inferioridade em que se julga ficar ou estar o iniciante da atividade esportiva, tal ou qual, que encontramos no espírito do atleta brasileiro,

com exceções é claro, as causadoras fortes da sua negativa em todos êles de prazerosamente ser aprendida e executada a prática do individual, com o adrede manuseamento das Leis e Regras dos jogos que pretendem ou vêm praticando.

Fator outro não menos contundente a isto, é a demasiada aptidão do brasileiro para a prática do esporte, com a sua grande mobilidade, inata flexibilidade de inteligência, bem como propensão a uma rápida compreensão do movimento do conjunto, à mais leve explicação oral do conhecedor que o ministre, fazendo-o ocioso e enfadado ao estudo firme e resolutivo das Leis e Regras, preferivelmente.

Eis, porque, não se dará jamais conosco, isto é, com os nossos desportistas, em maioria, o esperado progresso, assim como; conscientemente duradouro, nos "aparentes" *cracks* que, de quando

Prática, quase sem teoria, o mal do nosso basquetebol!

Comenta **AFONSO LEFEVER**

em vês surgem, já que até o presente momento, lamentavelmente, deixamos de sanar aquele mal, bem remediável contudo.

De fato grande é o numero praticantes em diversas espécies de esporte, em também diversos centros esportivos do País, a enfrontarem as circunstâncias de pelejar em competições importantíssimas, frente também a grandes assistências sem, no entanto, sequer terem passado os olhos nas Leis e Regras que regem as ações do esporte que praticam, trazendo-lhes sérios embaraços as vezes...

De longa data viemos assim erradamente caminhando, sem os seguros ditâmes dos estudos teóricos, que, aliás, interessante chega a ser, ao conseguirem alguns desportistas, mesmo assim, os esplendores das vitórias ou mesmo honrosas colocações.

Claro é que o conseguiram, e conseguirão por vezes mais, mas —, cansativamente, quanto à matéria, ao físico, já que o desenvolvimento espiritual não os coadjuvará proporcionadamente com o razoável a outra privilegiada situação se a desfrutassem.

Fizeram-se eles gloriosos, como já disse, é bem verdade, mais o custo dos seus próprios esforços, de pertinácia à prática, de labuta constante e cansativa, bem como, habitualmente se diz — "martelar" contínuo com o físico que outra qualquer coisa.

Será mesmo, mais um esforço da inteligência somada ao desperdício das energias físicas, quando poderia aquela inteligência ser melhor aproveitada para o estudo teórico que vem a ser tão produtivo à prática.

Outra razão de ser do progresso sob "sacrifícios", em certos esportistas, origina-se do intercâmbio com outros centros devidamente embuidos da teoria — consequentemente mais adiantados, que propriamente da faculdade ritimica no estudo do espírito advinda da coesão dos ensinamentos das Leis e Regras que regem os fogos que praticam...

Bem diverso, portanto, da facilidade de compreensão e execução prática é o seu trabalho, o que estaria evidentemente ao contrário, se se houvessem com a plenitude de suas inteligências para o logicamente a fazer, e, tantas vezes aqui afirmado por nós:

Tão fora da lógica vêm caminhando, que exemplificando, apresento o fato comuníssimo entre os atletas, de até mesmo para as duas práticas — individual e coletiva — existir uma preferida, por ser mais apropriada às suas idéias.

Assim, há, pois, uma particular escolha para a prática coletiva como a mais agradável a eles, mais propícia aos desmandos e arrancadas a austeridade do instrutor, sendo ela anciosa-

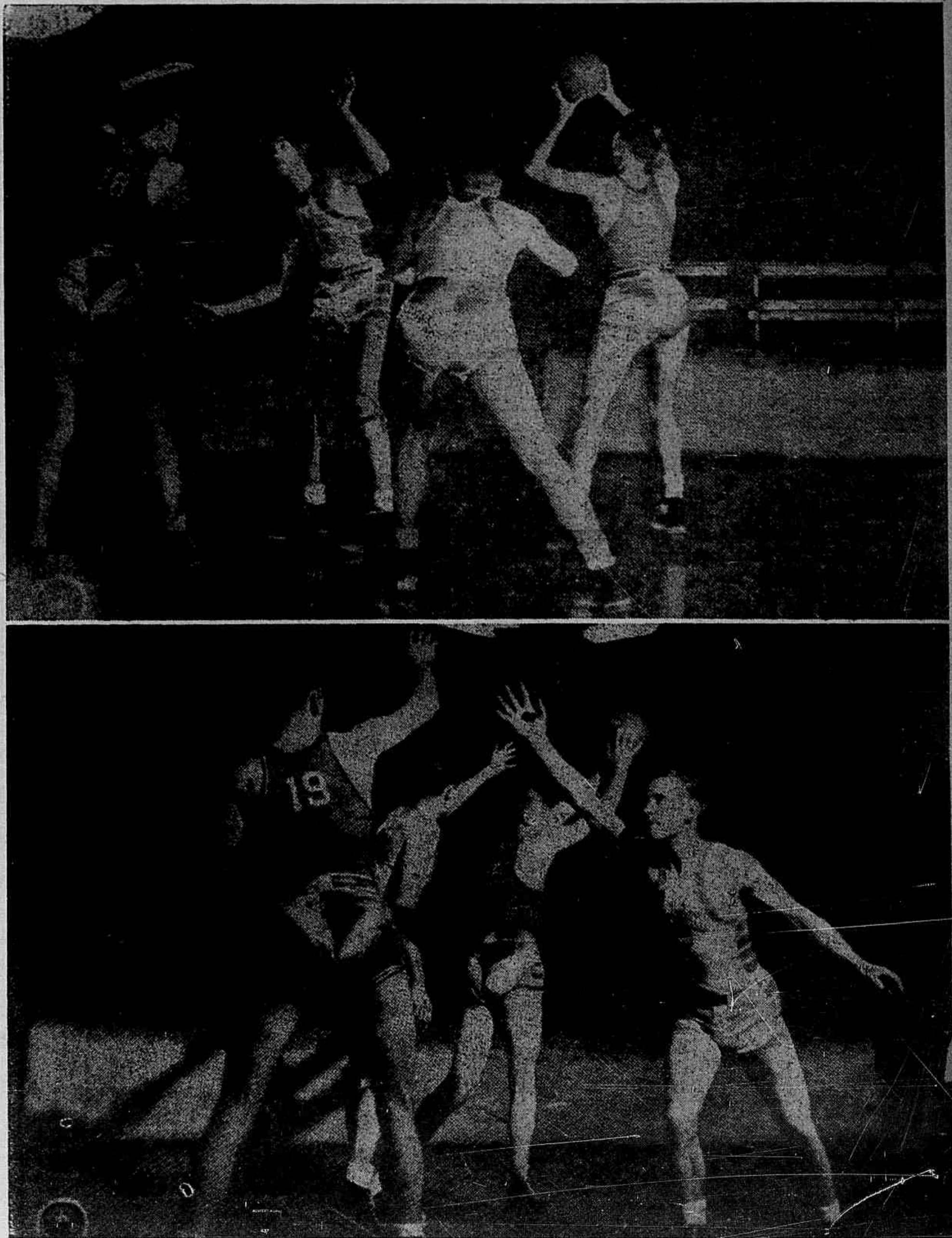
mente esperada mesmo pelos desportistas nossos, ao ser a "individual" considerada, *ainda por eles*, como "cacête", e quase desnecessária!...!...!

E' um atestado finíssimo que o meu grande conhecimento dos ambientes esportivos nossos autoriza apresentar.

Infelizmente não tem sido,

pigo eu agora, refletido por quem de direito às inconveniências acima apresentadas, e é ao analisar com a isenção aqui descrita a

(CONTINUA NA PÁGINA 14)



HELENO, no "extra" do Chile, quebrou um tabú do selecionado brasileiro!

Este sul-americano do Chile serviu para muitas coisas. Entre outras, para quebrar alguns tabús. E o mais sensacional, sem a menor sombra de dúvida, foi o de Leonidas.


O tabú de Leonidas tem história no futebol. Primeiro, no C. R. Flamengo. Quando Leonidas deixou o "mais querido do Brasil", houve quem se desesperasse tanto, que só faltou arrancar os cabelos. Ninguém compreendia, ninguém podia compreender o Flamengo sem o "Diamante". Mas foi sem ele que o Flamengo foi tri-campeão. Na seleção carioca também se julgava uma falha insanável. E os cariocas foram bi-campeões brasileiros sem ele. E, por fim, caiu por terra o tabú



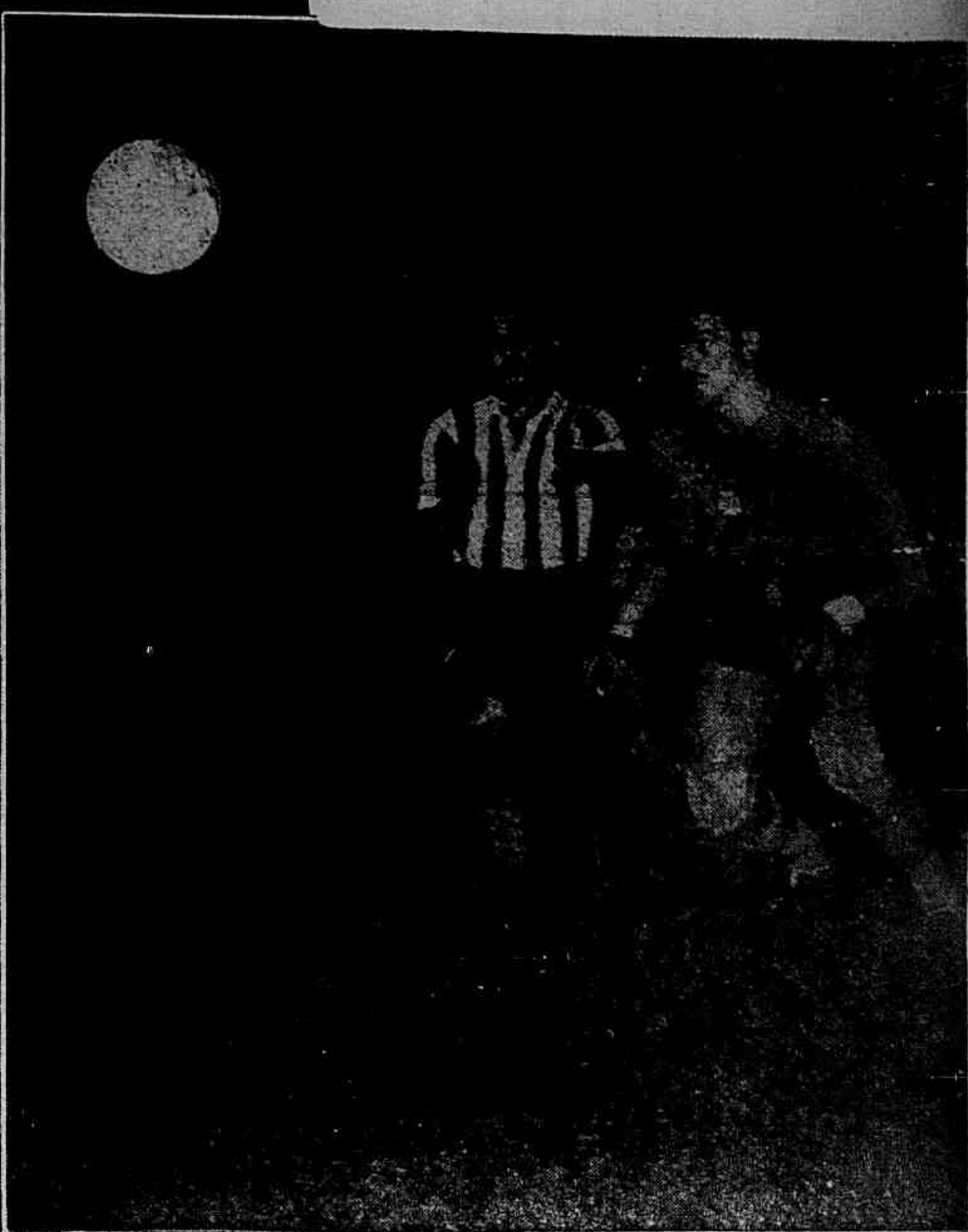
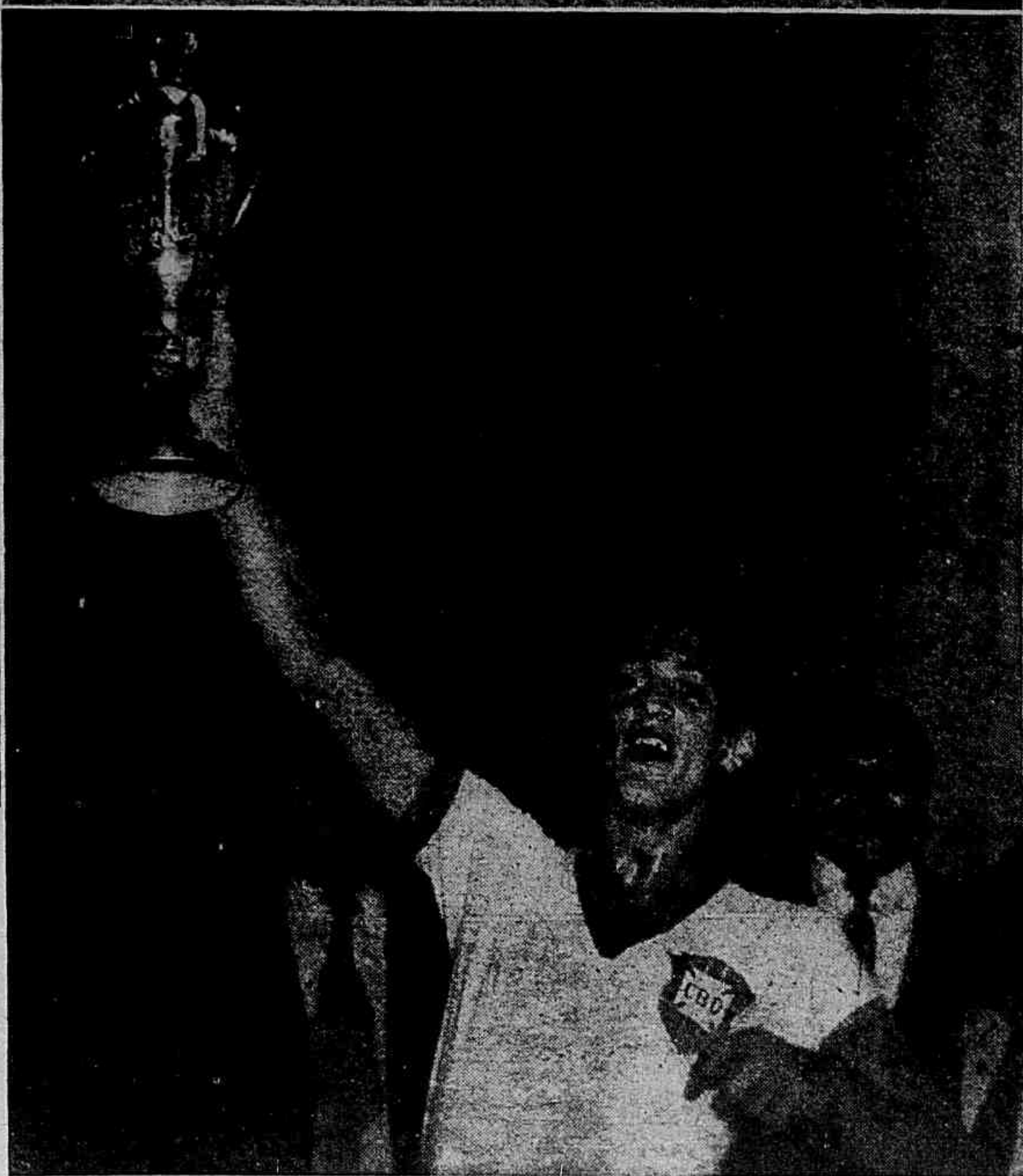
do quadro nacional. Leonidas não foi ao Chile, e foi o substituto, precisamente, um dos jogadores mais famosos do campeonato extra: Heleno.

E nem se pode dizer que tenha sido um páreo fácil dos centro-avantes. Exibiram-se, no Estádio Nacional, as do quilate de Hormazabal, um craque excepcional Pontoni, o homem que teve o seu passe mais valioso em toda a história do futebol argentino, e outros. No entanto, Heleno mereceu os elogios de todos, de críticos técnicos, sendo classificado, no ranking de jogadores, n.º 1 da posição, classificação essa consequente dos méritos de artilheiro e das suas qualidades de infiltrador malicioso e sempre combativo.

Note-se que Heleno foi, igualzinho, o mesmo Heleno que nós conhecemos. Nervosinho, irritadiço, reclamante a ponto de aturdir seus companheiros de equipe.



Aqui estão flagrantes sensacionais e inéditos, no Brasil, do 1x0 sobre os chilenos, fotografadas do serviço especial da revista desportiva chilena "Estadio" para o ESPORTE ILUSTRADO. À esquerda, em baixo, o seguro trio final chileno, vendo-se, ao centro, o grande Livingstone. Logo acima, um detalhe do vestiário, quando os jogadores se abraçavam, satisfeitos pela vitória, vendo-se o chefe da delegação, dr. João Lyra Filho, felicitando Domingos. Ainda em baixo, no centro, Heleno, doido de alegria, segurando o troféu que coube aos brasileiros pela vitória de 1x0, tento de sua autoria. Em baixo, uma intervenção de Oberdan E. aqui ao lado, o instantâneo precioso do tento de Heleno. Vê-se o zagueiro assistindo, impotente, ao lance fatal, enquanto Livingstone, num salto formidável, tenta a última defesa, debalde, pois o balão ganha as suas rédes.



nheiros em lugar de reprová-los? Mas, felizmente, Heleno não chegou a quebrar o panorama disciplinar da delegação que tanto impressionou os estranhos. Foi o grande elemento da equipe, no ataque, que soube finalizar bem o trabalho dos seus companheiros, que levou aos arqueiros adversários a marca dos artilheiros brasileiros, da qual nem o famoso Livingstone, do Chile, escapou! Heleno não foi apenas "um substituto à altura", como se costuma dizer: êle superou os demais centro-avantes que integraram as equipes concorrentes ao título de campeão sul-americano. A prova disto está na vantajosa proposta que recebeu de um clube argentino.

o seu
falados
fácil o
a, fôr-
nal, de
orizado
No en-
ticos e
pes, o
os seus
trador,
Heleno
mador,
Nós,
aqui, logo aos primeiros comentários sobre o sul-americano, achamos que Heleno, sem os seus defeitos tão pessoais, seria capaz de surpreender. E se êle agradou, brigando com Jorginho e com Tesourinha, por exemplo, de que não seria capaz, senhor dos seus nervos, amparando seus compa-

DETALHES TÉCNICOS NOTURNO DE VERÃO

ESCREVE
DJALMA DE
DE VICENZI

igualado o escore por dois sets a dois marcando na quarta série 6/1, permite que Heraldo Weiss o sobrepuje com a maior facilidade no quinto set decisivo, dando a impressão de muita falta de sangue, o que quer dizer, empregar-se a fundo, esforçar-se, aumentar a velocidade dos seus golpes, correr a rede, lobar para a direita, tentar o que fosse possível para uma vitória que seria sensacional para seu cartel e para o tenis nacional.

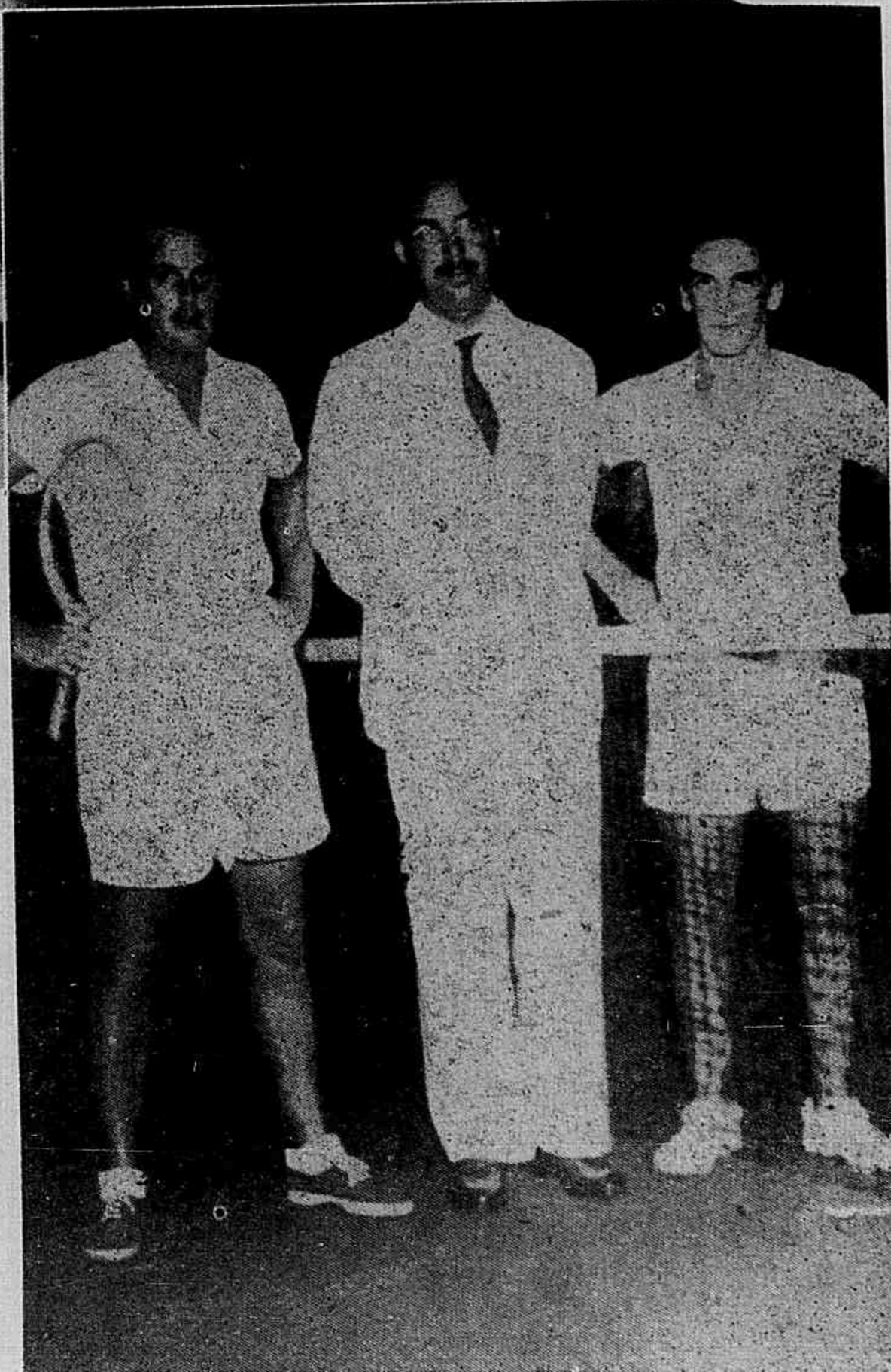
O que se viu foi justamente o contrario. Na disputa desta série final, deu a impressão para os que de fora acompanhavam o jogo, considerar, a vitória do cortendor como uma fatalidade ou coisa feita, contra a qual não valia a pena lutar. Enfim, pode ser que as nossas observações estejam erradas, e o nosso campeão, não pudesse realmente vencer... mesmo jogando a quinta série com outra disposição.

Na simples feminina, a senhora Maria Teran Weiss ficou na chave A com duas adversárias fortes, senhoras Santa Vitoria e Marly Barros, derrotando a ambas em duas séries. O escore contra Marly teve indícios de jogo mais equilibrado e melhor disputado. Sem dificuldade che-

Numeros da promovida

rou a final da chave B a nossa campeã e simpática tenista senhora Minnie Monteath, que disputando a prova final com a argentina Maria Teran Weiss por quem foi derrotada com relativa facilidade, conforme se depreende do escore marcado, visto não termos assistido o jogo.

Na dupla mista houve três W.O., que por serem nos jogos iniciais, não tirou o brilho da prova. As parceiras Minnie Monteath e Maria Teran Weiss, puzaram na balança das vitórias. Tanto Armando Vieira com a nossa patricia, como o argentino Heraldo Weiss com sua esposa, dado as qualidades técnicas das suas companheiras de duplas, não encontraram dificuldade em



EM CIMA — O CASAL DE TENISTAS ARGENTINOS, HERALDO WEISS E MARIA TERAN WEISS QUE FORAM AS FIGURAS MÁXIMAS DO TORNEIO INTERNACIONAL NOTURNO DE VERÃO

AO LADO — HERALDO WEISS E ARMANDO VIEIRA QUE DISPUTANDO A PARTIDA SEMI-FINAL DE SIMPLES DE CAVALHEIROS DO TORNEIO INTERNACIONAL NOTURNO DE VERÃO, FIZERAM O MAIS EQUILIBRADO JOGO DO CERTAME, SÓ SE DECIDINDO NA 5. SÉRIE, COM A VITÓRIA DO CAMPEÃO DA ARGENTINA

Conforme nosso comentário anterior, vamos agora dar aos leitores os resultados detalhados de todas as provas realizadas pelo Rio de Janeiro Country Clube na disputa do seu grande Torneio Internacional Noturno de Verão.

Na prova de simples de cavalheiros, alguns dos resultados iniciais surpreenderam os prognosticos dos comentaristas. Estão nestes casos, a derrota de Ricardo Pernambuco frente a Nelson Moreira; de João Carlos dos Santos enfrentando ao veterano Inacio Noronha. E não foi só a vitória,

temos também em conta a facilidade com que venceu e o

próprio escore. Na semi final Armando Vieira, depois de ter

DO TORNEIO NO TENIS

levar de vencida os adversários. Na final o casal argentino venceu, mas o jogo foi duríssimo, e os nossos patricios estiveram também a pique de conquistar o triunfo, o resultado foi mera "chance", pois se equivaleram tecnicamente.

Na dupla de cavalheiros, a chave A, a dupla brasileira Boock — Procopio lutou logo no início para bater a Ademar — Haroldo; enfrentando a argentina Sissener-Weiss, os parceiros não conseguiram afiar e foi o que se viu, queda de produção e maior facilidade na vitória argentina, que ficou como finalista da chave. Na chave B a dupla de cauchos Osorio e Rasgado bateu a Pernambuco e Nogueira em três séries, perdendo a seguir para Cataruzza-Del Castillo por 3/1. Salomão e Armando Vieira lutaram para vencer aos iarquis Rood-Olhausen em 5 séries, perdendo a seguir para a dupla argentina Cataruzza-Del Castillo, um tanto facilmente. O final dessa prova, entre as duas duplas argentinas, ficou para ser realizada em Buenos Aires, — tudo isso devido ao mau tempo durante noites seguidas, e os esportistas argentinos terem que regressar aos seus pagos.



Ignacio Nogueira derrota João Carlos por 6/2 e 6/2. Armando Vieira vence Ignacio Nogueira por 6/0 7/9 e 6/2.

Chave B — Ruy Rineiro venceu Luiz Murgel por 6/4 1/6 e 6/4. Silvio Boock derrotou Ruy Ribeiro por 6/8 6/0 e 6/3. Hector Cataruzza venceu Boock por 6/2 6/3 e 6/3. Claudio venceu C. Borges por 6/2 e 6/1. Haroldo Buarque de Macedo derrotou Claudio por 6/3 e 6/4. Cataruzza venceu a Haroldo por 2/6, 6/0, 3/6 e 6/1. Mario Pires venceu R. F. Figueira de Mello por 6/2 e 6/3. Alvaro Osorio derrotou a Mario Pires por 7/5 e 7/5. Del Castillo venceu a A. Osorio por 3/6 6/3 6/1 e 8/6. Campos venceu Llerena por 6/2 e 6/1. Rood venceu Campos por 6/0 e 6/3. Procopio venceu Rood por 6/3 6/3 e 6/3. Nas semi-finais Heraldo Weiss venceu a Armando Vieira por

AO LADO — ELSA WAGNER E MINNIE MONTEATH QUE DISPUTARAM A PROVA SEMI-FINAL DE SIMPLES DE SENHORAS, TENDO AO CENTRO O JUÍZ DA PARTIDA, O VETERANO TENISTA ANTONIO TELXEIRA.

EM BAIXO — HAROLDO BUARQUE DE MACEDO, UM BOM TENISTA DA ATUAL GERAÇÃO DE FAQUETES DO IIC, LUTOU BRAVAMENTE COM O VETERANO HECTOR CATARUZZA, COM QUEM FEZ CINCO SÉRIES EQUILIBRADAS, EM QUARTO DE FINAL DA PROVA DE SIMPLES DE CAVALLEIROS.

grande competição pelo Country Club

A seguir divulgamos os resultados gerais do Torneio Internacional Noturno de Verão do Rio de Janeiro Country Clube.

Em disputa da "Taça Henrique Dosdworth, prova simples de cavalheiros. 31 jogos: Chave A — Antici perde para Nelson Moreira por 8/6 e 6/4. Nelson Moreira vence a Ricardo Pernambuco por 7/5 0/6 e 6/2. Heraldo Weiss derrota Nelson Moreira por 6/1 2/6 6/0 e 6/1. Souza Dantas vence a A. Brava por 6/1 e 6/2. Rasgado derrotou Souza Dantas por 6/2 e 6/1. Salomão vence a Rasgado por 6/0 6/1 e 6/4. Mello vence Vella por 6/4 e 6/4. Ademar vence Mello por 6/1 e 6/2. Ademar de Faria derrota Sissener por 9/7 6/3 e 6/1. João Carlos dos Santos vence Kermen por W.O.



ATENÇÃO:

ESTÁ À VENDA O

"ALMANAQUE

EU SEI TUDO"

**MAGNIFICA SECÇÃO
ESPORTIVA, GENERO
ALMANAQUE, VEM
INTEGRADA NO TEXTO
E TRATA DE TODOS
OS ESPORTES**

**ASSIM, O MARAVILHOSO LIVRO DOS
MIL ASSUNTOS NÃO ESQUECEU
O PÚBLICO ESPORTIVO.**

**INFORMAÇÕES SOBRE O ANO; ARTIGOS,
CONTOS, DISTRAÇÕES, GEOGRAFIA,
ZOOLOGIA, BOTÂNICA, ARTE,
HISTÓRIA, CURIOSIDADES, ETC.**

COMPANHIA

EDITORA

AMERICANA

MARANGUAPE, 15. -- RIO

:-: Atende-se pelo reembolso :-:

6/4 4/6 1/6, 1/6 / 6/0 na chave A; e Alcides Procopio derrotou a Hector Cataruzza por 6/2, 6/1 e 6/0 na chave B. A partida final ainda será disputada, vindo especialmente de Buenos Aires o finalista H. Weiss.

Em disputa da Taça H. Dordworth pro a simples de senhoras. 9 jogos: Maria Teran Weiss venceu Santa Victoria por 6/1 e 6/1. Marly Barros venceu Laura Fonseca por 6/1 e 6/3. Marly Barros venceu Elsa Borgerth W.O. Maria Teran Weiss derrotou a Marly Barros por 6/3 e 6/4. Inah Bustamante venceu a Clélia de Castro por 6/3 e 6/0. Elsa Wagner venceu a I. Bustamante por 4/6, 6/3 e 6/0. Minnie Monteath venceu a H. Datwiller por 6/1, 6/3 e 6/0. Minnie venceu a Elsa Wagner por 6/2 e 7/0. Na final Maria Teran Weiss derrotou a Minnie Monteath por 6/2 e 6/0.

Em disputa da Taça Cruzeiro do Sul, pro a de duplas de cavalheiros. 9 jogos. Sissener-Weiss venceram a Meilo-Campos por 6/0, 6/2 e 7/5. Adhemar-Haroldo venceram a Ruy Kibeiro-Mario Pires por 6/3 e 6/4. Silvio Boock-Alcides Procopio derrotaram Ademar de Faria-Haroldo Buarque de Macedo por 6/4, 9/7 e 6/4. Sissener-Weiss derrotaram Boock-Propcio por 6/3, 6/3 e 6/4. Alvaro Osorio-Joaquim Rasgado venceram a Ricardo Pernambuco-Ignacio Nogueira por 6/3, 4/6 e 6/4. Cataruzza-Del Castillo, venceram a Osorio-Rasgado por 6/0, 6/3, 3/6 e 9/7. Salomão-Armando Vieira venceram a Rood-Olhausen por 6/0, 1/6, 3/6, 6/0 e 6/3. A final ficou para ser disputada em Buenos Aires, em vista do mau tempo ter impedido a realização durante noites sucessivas, e não ser possível os participantes permanecerem entre nós por mais tempo.

Em disputa da "Taça Cruzeiro do Sul, prova de duplas mixtas. 9 jogos: Weiss-Weiss derrotaram a Sissener — Inah por 6/3 e 6/4. Luiz Murgel — Laura Fonseca venceram Silvio Boock-Tzu de Cerda por 6/0 e 6/1. Pernambuco Clélia venceram a Borgherth-Borgherth por W.O. Pernambuco-Clélia venceram a Murgel-Laura por 4/6, 6/0 e 8/6. Weiss-Weiss derrotaram a Pernambuco Clélia por 6/1 e 6/4, tornando-se assim finalista da chave A. Na chave B: Salomão-Marly Barros venceram a Haroldo Buarque de Macedo-Odeté por 6/0, 4/6 e 7/5. Armando Vieira Minnie venceram a Procopio-Wagner por 7/5, 2/6

e 6/1. Ademar-Sandra venceram a Del Castillo por 6/3, 2/6 e 6/3. Armando Vieira-Minnie Monteath derrotaram a Ademar-Sandra por 6/3 e 6/2, ficando como finalista da chave B. Na partida final o casal Heraldo Weiss-Maria Teran Weiss derrotaram em jogo durissimo a Armando Vieira-Minnie Monteath por 12/10, 4/6 e 6/3.

Os clubes de tenis já se esqueceram que existem na praça jornalistas-tenistas, comentaristas que realmente se tornaram sentinelas avançadas do tenis carioca.

Esquece-os nominalmente é algo mais que uma injustiça. Primeiro, porque é indispensavel a sua cooperação. Segundo, por servirem ao tenis graciosamente.

Possivelmente em outros torneios aqueles pioneiros serão lembrados antecipadamente.

Pratica, quase sem teoria, o mal do nosso basquetebol!

(Conclusão da página 9)

nossa instrução e aplicação desportiva que me declaro estar também dentro do mais sincero censo critico — construir.

Isto porque viemos nos destruindo paulatinamente com o descuido da renovação de valores sem vir trazendo as classes juvenis sob o aspecto instrutivo e de aplicação teorico-prático natural intuitivo, muito mais ainda quanto ao futuro técnico como magnífico disciplinarmente pela compreensão que traria entre árbitros, regras, leis e jogadores.

Bem pequena é a idéia que fazemos nós outros, e a Mocidade Brasileira de agora, do alto valor técnico futuro, no adrede preparo das classes juvenis e do valor incontestado do método e organização da aprendizagem teórica, como base única da capacidade prática indissolúvel nêles.

Vimos enveredando sempre pelo caminho irregular, ao renegar esta base pelo enfado que nos causa estudar qualquer coisa teoricamente que a prática possa resolver mais facilmente... ainda na errada opinião dêles!...

Mais facilmente, dizer então, somente para os errados de opinião, já que até o presente momento não repararam o quanto defeituosamente aquela, opinião, vem se evidenciado...

AFFONSO LEFEVER.

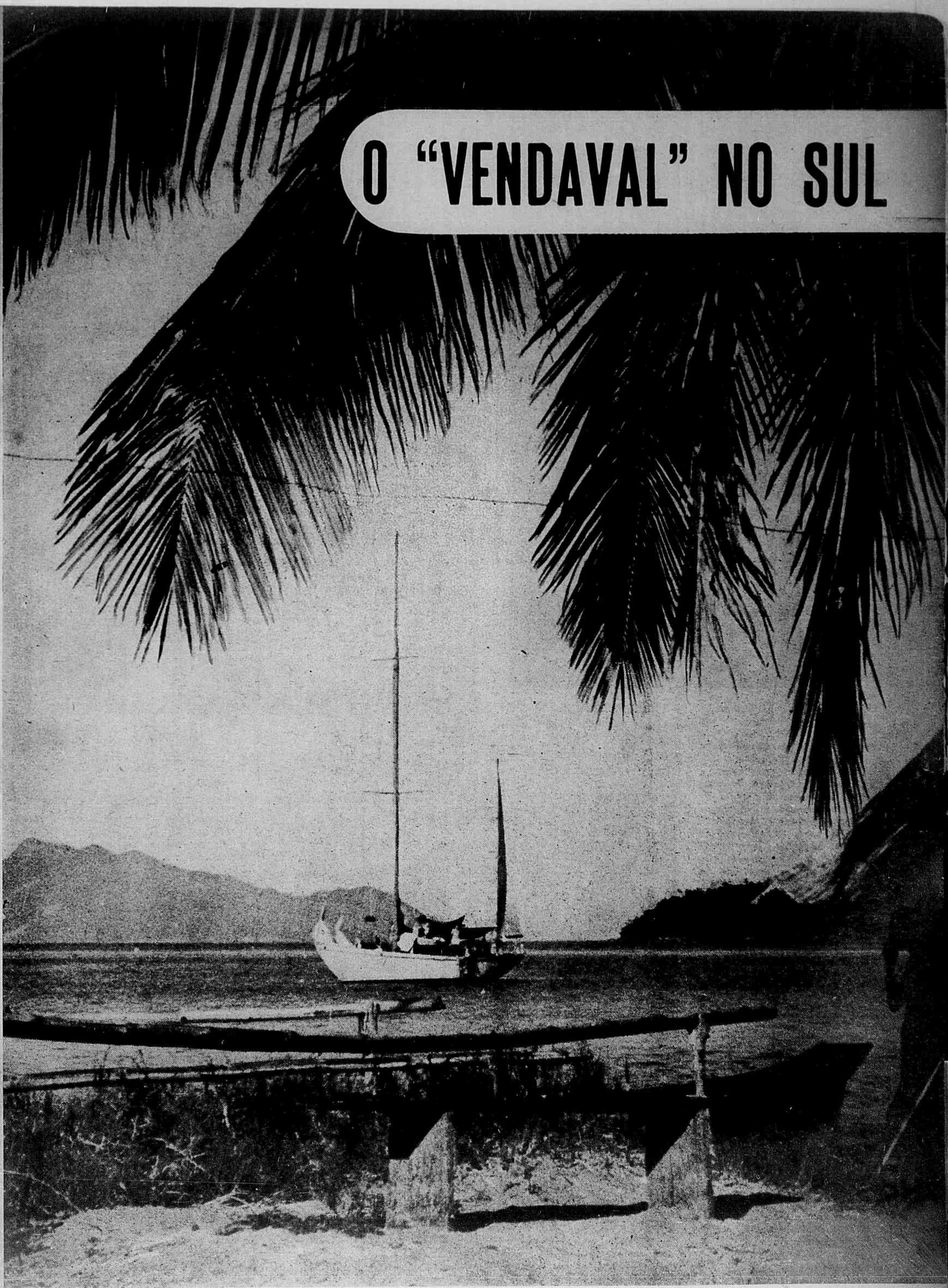
SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

O "VENDAVAL" NO SUL





A vida do mar não é brinquedo. Exige qualidades e adextra-as a um alto grau de eficiência. Mas no mar nem tudo é trabalho. Quem pensa assim erra muito. Porque o trabalho, na maior parte das vezes, é um prazer que o iatista goza ao máximo. E sempre o espírito de equipe está presente, principalmente num veleiro, como o "Vendaval", que exige muitos braços e muitos cérebros. E, para que a noção de coletividade esteja sempre em relação com as tarefas, estas são divididas, e até os momentos de repouso são distribuídos equitativamente. Aqui vemos, por exemplo, alguns participantes da viagem do "Vendaval", num quarto de repouso, quando na altura do golfo de Santa Catarina.

Bem, falávamos das tarefas a bordo... E elas são, sempre, as mesmas de cada 24 horas em terra firme e muitas mais. A bordo cozinha-se, lava-se roupa, limpa-se o tombadilho, arruma-se os beliches, cuida-se das máquinas, brilha-se os metais, enfim, uma variedade enorme de funções obrigatórias. E é claro que um marinho é "pau para toda obra". E por isso o iatista que ontem foi piloto hoje é simples ajudante de cozinha, descascando batatas com a maior atenção do mundo.



Quando se lê a descrição de um cruzeiro marítimo em pequeno barco, ou vemos as fotografias que costumam acompanhar tal

narração, não se pode fazer uma idéia sequer vaga, do trabalho e da preocupa-

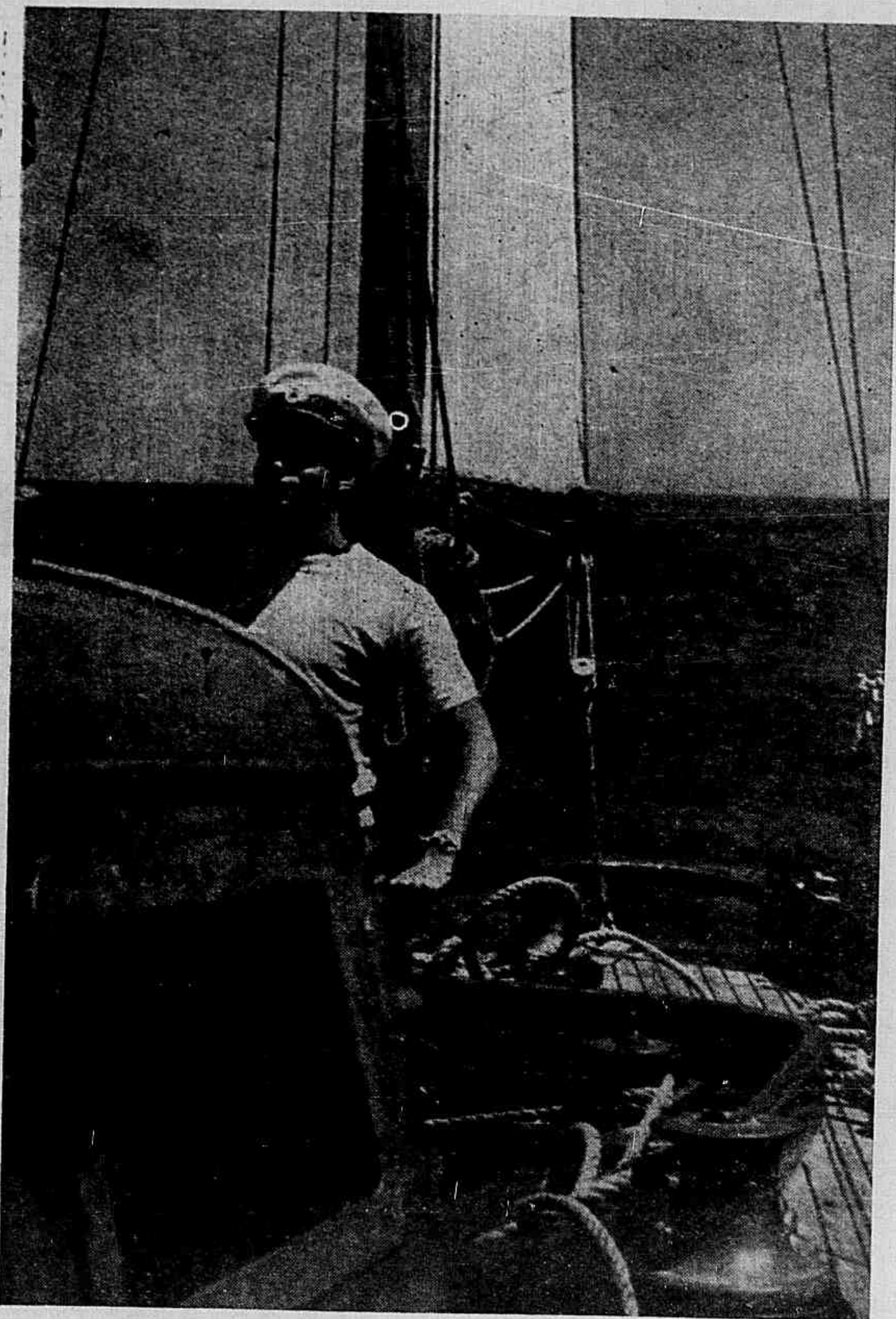
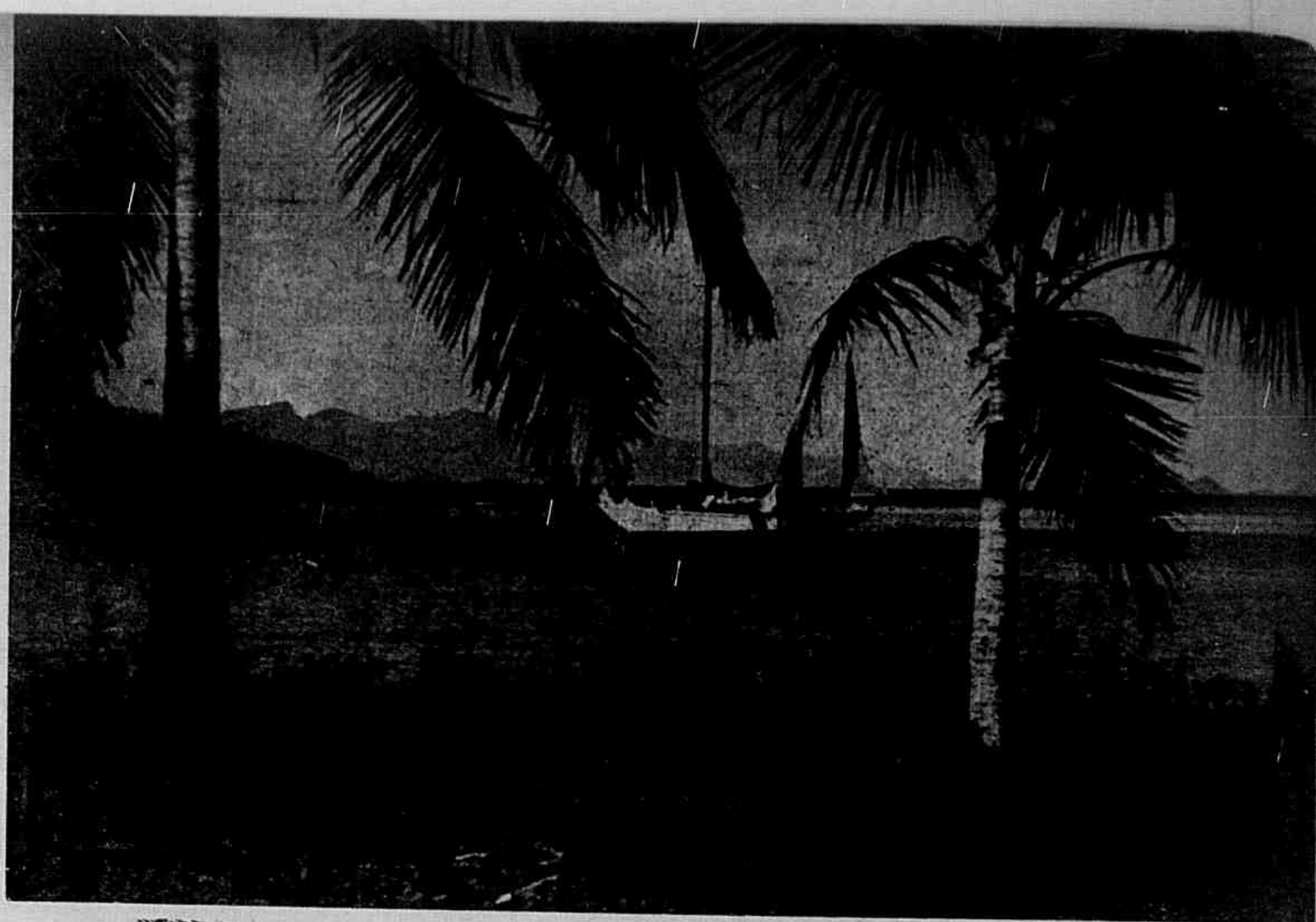
ção que assoberbaram o responsável pela condução do iate.



Há um ditado: quem vai para o mar se avia em terra. E' uma grande verdade. Mas nem sempre é tudo. O engenho humano supera, muitas vezes, a providência. E aqui está um caso. O piloto não pode arredar o pé do seu posto, em momento algum. O piloto cuida de toda a navegação do barco. Dá-lhe rumo, cuida do vento, das velas, das correntes. Mas quando o Sol atrai à Terra os seus raios candentes e o piloto não percebe o calor pela brisa constante, muita coisa séria pode acontecer. Mas o piloto atento e astucioso, como aqui demonstra José Luiz, trata da questão, resolve-a assim: um cabo no timão e a sombra protetora da vela é aproveitada.

Velho é o brocardo "quem se faz ao mar avia-se em terra", e de fato quem se encontra nas solidões do oceano só pode encontrar o que precisa se foi previdente e o estivo a bordo. Muitas vezes o esquecimento de uma agulha para serzir velas, pode cau-

sar-nos contrariedades e atraso na viagem. Grande



Pimentel Duarte levou no seu "Vendaval" uma equipe de péso. E nela figurou seu filho José Luiz, um jovem de aptidões, que já aparece destacadamente neste setor desportivo. El-lo no comando do barco.

Já se disse que o mar é um fascinador eterno do homem. E isto é certíssimo. Para o homem do mar, para o iatista, as águas têm sempre encantos novos, o seu barco lhe parece cada vez mais integrado na sua existência, cada vez mais belo, mais seu amigo! E quando o iatista usa a máquina fotográfica, fixa belezas sem par, como esta aqui, que só aos seus olhos de homem do mar aparecem.

parte do insucesso que amargura alguns infelizes comandantes que fracassaram em seus cruzeiros, dando causa a complexos de inferioridade, nasceu da imprevidência e da levianidade com que foram projetados.

Comida, aguada, aparelhos de navegação, tudo enfim necessário a manter a vida do homem em pleno mar e ao mesmo tempo garantir-lhe a segurança e permitir o conhecimento constante do lugar em que se acha deve encontrar-se na embarcação.

Depois, é desamararr da boia e abrir as velas à aventura e à dura vida do mar; como se trata de uma viagem de vários dias é indispensável que haja a divisão do trabalho, formando-se então os quartos, quer dizer que determinado número de tripulantes fará o serviço, enquanto os outros descansam. Se no primeiro dia, isso dá alguma alteração, nos outros se transforma em rotina, e quando se der as 4 badaladas dobradas no sino, poder-se-á dizer, como manda a tradição do mar: "São oito horas e tudo vai bem",

significando que devemos agradecer essas horas de calma, porque nem sempre as coisas andam bem.

Partindo para o sul do Brasil as precauções devem ser maiores; os temporais que acozzam a nossa costa vão aumentando de intensidade à medida que a latitude vai aumentando; aqui pelo Rio de Janeiro o vento raramente atinge 90 quilômetros por hora, e isto é assim mesmo coisa excepcional; no golfo de Santa Catarina e na costa rio grandense um vento de 120 quilômetros não é coisa rara; as próprias trovoadas são ali muito mais violentas do que para o norte.

Nessa sua viagem à terra dos barrigas-verdes, o "Vendaval" suportou violentíssima trovoadas a umas 40 milhas a nordeste da ilha de Arvoredo, que é onde se encontra o farol que marca a entrada do canal de Santa Catarina. Assim, na hora do crepúsculo começou a ser observada para as bandas do oeste, na serra da Prata, uma pesada formação de nuvens negras, indicadoras de trovoadas; por baixo delas via-se nuvens brancas adelgadas e bem compridas, sinal evidente de grande ventania; o barômetro caiu 5 pontos; em vez de aproximar-se do iate as nuvens começaram a dirigir-se para sudoeste, depois para o sul, enfim para sueste, só então aproximando-se com violência extraordinária

ria: eram 21h20m de 5 de Fevereiro último. A clareza era completa, estranhava-se quando ficava escuro, tal era a frequência e a intensidade dos relâmpagos; andar no convés, entretanto, só se podia fazer de gatinhas, pois que o vento não permitia que ninguém ficasse ereto. Tinha-se preparado o barco para receber o tempo; havia duas velas apenas envergadas, a bujarrona à proa e a mesena à popa. O punho de bujarrona não resistiu entretanto ao esforço do vento e escapando das escotas pôs-se a dar tremendas sapatadas; era preciso ferrá-lo, e para essa faina dirigiram-se 4 homens decididos, dois para abafar o pano, um para arriá-lo e o outro para ferrá-

sa interessante, o raio geralmente não faz mal ao navio. Soube-se depois, na base aérea de Florianópolis que o vento soprara na razão de 120 k.p.h. Pouco depois avistava-se o farol de Arvoredo, e assim que clareou o dia o "Vendaval" investiu pelo canal, fundeando às 9 horas da manhã, na baía Norte, de Florianópolis. A viagem durara 70 horas, fôra feita em grande parte no percurso a uma distância de mais de 70 milhas da costa e trouxe larga experiência aos que dela participaram. Multipli-

O "Vendaval" foi festivamente recebido pelo I. C. Santa Catarina. Dentro desse ambiente que caracteriza o verdadeiro iatismo, aquele clube catarinense ofereceu a Pimentel Duarte, comandante do "Vendaval", e à sua tripulação um almoço.



carem-se essas viagens, incrementando o intercâmbio entre os brasileiros do litoral, formando-se verdadeiros marinheiros, deve ser o desejo de todos aqueles que sabem da vital importância que o mar tem para o Brasil.

Aqui temos um aspecto da aprazível sede e do ancoradouro do I. C. Santa Catarina, onde ficou o "Vendaval" até o regresso à baía de Guanabara.

lo; a tarefa foi facilitada pela clareza dos relâmpagos. A seguir esses homens envergaram a vela de capa, pequena, fortíssima, e que deveria garantir uma boa posição do navio em relação ao mar e ao vento, o que aliás aconteceu permitindo que o iate suportasse galhardamente as suas horas da trovoada, que tanto durou a ventania. Houve um gaiato no meio daquela tempestade que perguntou o que aconteceria se caísse um raio a bordo; coi-

Eis os iatistas que tiveram a honra de compor a tripulação do "Vendaval" em sua viagem a Santa Catarina: J. C. Pimentel Duarte, comandante, Nelson Duprat, Lafayette Thomaz, Jorge Byron Watson, José Luiz Pimentel Duarte, Otavio Christiani, Jorge Pires da Veiga, Eduardo Souto de Oliveira, Alvaro Santos e Fernando Pimentel Duarte.



Sagrando-se campeão carioca de natação infanto juvenil, o America F. C. tomou posse, solene do posto de lider da aquatica mirim da Metropole!

O C. R. Guanabara, uma ótima surpresa e o Fluminense F. C. uma decepção -- Detalhes da competição de domingo

Realizou-se no domingo, dia 18, o Campeonato Carioca de Natação Infanto-Juvenil.

Reunindo os grandes valores da aquatica mirim metropolitana, estava o campeonato fadado a um grande êxito desportivo. Não se esperava resultados técnicos de monta, á vista dos tempos marcados no campeonato brasileiro recém-disputado. Previam-se, porém, uma competição renhida, a que estariam presentes, não só os líderes, — Fluminense e America, mas também o C. R. Guanabara, resurgindo de um prolongado exílio das piscinas.

Todas as previsões se confirmaram.

E os catadaticos, como Mauricio Bekean que admitira a vitoria do America F. C., pela primeira vez em toda a sua historia, por uma diferença minima de 3 a 10 pontos, acertaram em cheio. O America F. C. logrou uma vitoria impressionante que só se definiu na ultima prova, quando o C. R. Guanabara, distanciado dos rubros unicamente por pouco mais de 10 pontos, não logrou diminuir a diferença senão para 4.

No aspecto técnico notou-se, apenas, um novo recorde, o de Lia Azevedo, do Vasco, marcando 1'38" nos 100 mts. meninas juvenis nado de peito. Também Nilza Martins, do America F. C., salientou-se, igualando um recorde em nado livre, 50 metros, meninas infantis!

A surpresa maior foi, porém, não a vitoria do America F. C., mas a queda do Fluminense F. C., lider até aqui, por uma diferença de 40 pontos!

Desta maneira, o America F. C. concretizou a sua posição na natação carioca, detendo-lhe a hegemonia que começara a conquistar com as vitorias no trofeu "Léda".

Eis a classificação final dos concorrentes:

Campeão — America F. C.	177 pontos
2.º lugar — C. R. Guanabara	173 pontos
3.º lugar — Fluminense F. C.	137 pontos
4.º lugar — Botafogo F. R.	115 pontos
5.º lugar — C. R. Icaraí	105 pontos
6.º lugar — Tijuca T. C.	44 pontos
7.º lugar — C. R. Vasco da Gama	33 pontos
8.º lugar — Sta. Tereza P. C.	13 pontos
9.º lugar — C. R. Flamengo	5 pontos

Damos, a seguir, os resultados das provas, considerando-se apenas os nadadores até a terceira colocação

1.ª PROVA — ASPIRANTES — 100 METROS — NADO LIVRE

- Campeão — Thales Souza Ribeiro, do America, 1'06"5.
- 2.º — Aram Boghossian, do Tijuca, 1'07"4.
- 3.º — Paulo Monteiro Salvia, do Fluminense, 1'09"0.

2.ª PROVA — PETIZES — 50 METROS — NADO DE COSTAS

- Campeão — Geraldo Vaz Pires, do Guanabara, 46"7.
- 2.º — Carlos Martins Ferreira, do Santa Tereza, 47"7.
- 3.º — Roberto Bustamante, do Botafogo, 50"0.

3.ª PROVA — INFANTIS — 50 METROS — NADO DE PEITO

- Campeão — José Umatino, do Fluminense, 48"6.
- 2.º — Robson Hasselman, do Icaraí, 45"8.
- 3.º — Guenter Ungere, do Fluminense, 45"9.

4.ª PROVA — JUVENIS — JUNIORS — 100 METROS — NADO LIVRE

- Campeão — Latino Silva Fontes, do América, 1'15"2.
- 2.º — José Santos, do Guanabara, 1'21"2.
- 3.º — Flavio Lourenço Lopes, 1'23"2.

5.ª PROVA — JUVENIS — SENIORS — 100 METROS — NADO DE COSTAS

- Campeão — Nelson Mallemont Rabelo, do Guanabara, 1'22"5.
- 2.º — Ricardo Capanema, do Tijuca, 1'24"0.
- 3.º — Ilo Fonseca, do Botafogo, 1'24"0.

6.ª PROVA — MENINAS PETIZES — 50 METROS — NADO DE PEITO

- Campeã — Carmencita Costa, do Icaraí, 52"0.
- 2.º — Nancy Souza Passos, do America, 52"2.
- 3.º — Stela Silva Pontes, do America, 54"0.

7.ª PROVA — MENINAS INFANTIS — 50 METROS — NADO LIVRE

- Campeã — Nilza Pessoa Martins, do America, 35"0.
- 2.º — Maria Elisa Alentejano, do Fluminense, 36"0.
- 3.º — Talita Alencar Rodrigues, do Fluminense, 36"4.

8.ª PROVA — MENINAS JUVENIS — 100 METROS — NADO DE COSTAS

- Campeã — Celia Brasil, do Fluminense, 1'33"0.
- 2.º — Geny Gordon, do Fluminense, 1'38"4.
- 3.º — Norma Daneman, do Botafogo, 1'36"3.

9.ª PROVA — ASPIRANTES — 200 METROS — NADO DE PEITO

- Campeão — Rubens Franco de Sá, Icaraí — 3'04"3.
- 2.º — Ivo da Volta, América — 3'12"0.
- 3.º — Plinio Lemos de Abreu, Tijuca — 3'19"0.

10.ª PROVA — PETIZES — 50 METROS — NADO LIVRE

- Campeão — Geraldo Vaz Pires, Guanabara — 40"5.
- 2.º — Mauro Laviola, Guanabara — 41"6.
- 3.º — Carlos Martins Ferreira, Sta. Tereza — 42"2.

11.ª PROVA — INFANTIS — 50 METROS — NADO DE COSTAS

- Campeão — Artur Pinheiro, Guanabara — 43"6.
- 2.º — Antonio Souto Maior, Botafogo — 44"8.
- 3.º — Sergio Silva Fontes, America — 46"8.

12.ª PROVA — JUVENIS JUNIORS — 100 METROS — NADO DE PEITO

- Campeão — Alfredo Regulo Valdetaro Neto, Icaraí — 1'35"4.
- 2.º — Romulo Camara de Lima Franco, Botafogo — 1'35"4.
- 3.º — Evaldo Ferreira Silva, Fluminense — 1'36"4.

13.ª PROVA — JUVENIS SENIORS — 100 METROS — NADO LIVRE

- Campeão — Ricardo Capanema, Tijuca — 1'12"5.
- 2.º — Ilo Monteiro da Fonseca, Botafogo — 1'14"2.
- 3.º — Antonio Joaquim Faria, Icaraí — 1'14"2.

14.ª PROVA — MENINAS PETIZES 50 METROS NADO DE COSTAS

- Campeã — Lucia Bandeira de Melo, Guanabara — 46"4.
- 2.º — Lia Veiga Soares, América — 52"0.
- 3.º — Celenita Cardoso, America — 57"0.

15.ª PROVA — MENINAS INFANTIS — 50 METROS — NADO DE PEITO

- Campeã — Marlene Ferreira, Guanabara — 46"5.
- 2.º — Léda Azevedo, Vasco — 47"2.
- 3.º — Laissy Rodrigues, Guanabara — 47"8.

16.ª PROVA — MENINAS JUVENIS — 100 METROS — NADO LIVRE

- Campeã — Helena Gomes Horta, Icaraí — 1'27"0.
- 2.º — Lauro Gomes da Silva, Guanabara — 1'30"0.
- 3.º — Mariza Quintais, America — 1'02"6.

17.ª PROVA — ASPIRANTES — 100 METROS — NADO DE COSTAS

- Campeão — Renato Pinheiro da Cunha, do Guanabara — Tempo 1'21"1.
- 2.º — Paulo Souto Maior, do Botafogo — 1'23"0.
- 3.º — Luiz Gonçalves da Silva, do Fluminense — 1'25"2.

18.ª PROVA — PETIZES — 50 METROS — NADO DE PEITO

- Campeão — Roberto Bustamante, do Botafogo — 48"5.
- 2.º — Milton Cunha, do Botafogo — 50"4.
- 3.º — Sergio Farias, do Icaraí — 51"0.

19.ª PROVA — INFANTIS — 50 METROS — NADO LIVRE

- Campeão — Sergio Silva Fontes, do América — 38"2.
- 2.º — Robson Hasselman, do Icaraí — 38"8.
- 3.º — Alfredo Oliveira, do Botafogo — 30"5.

20.ª PROVA — JUVENIS JUNIORS — 100 METROS — NADO DE COSTAS

- Campeão — Latino Silva Fontes, do América — 1'29"4.
- 2.º — Helio Souza Barros, do Guanabara — 1'37"4.
- 3.º — Luiz Carlos Veiga Soares, do América — 1'38"6.

21.ª PROVA — JUVENIS SENIORS — 100 METROS — NADO DE PEITO

- Campeão — Edivaldo Ramalho, do Botafogo — 1'29"4.
- 2.º — Helio Carvalho, do América — 1'30"8.
- 3.º — Manfredo Medeiros, do Botafogo — 1'33"0.

22.ª PROVA — MENINAS PETIZES — 50 METROS — NADO LIVRE

- Campeã — Lucia Bandeira de Melo, do Guanabara, 40"0.
- 2.º — Carmencita Costa, do Icaraí — 48"4.
- 3.º — Nancy Souza Passos, do America — 50"2.

23.ª PROVA — MENINAS INFANTIS — 50 METROS — NADO DE COSTAS

- Campeã — Talita Alencar Rodrigues, do Fluminense — 41"5.
- 2.º — Nilza Pessoa Martins, do América — 42"0.
- 3.º — Marlene Frias Ramos, do América — 43"8.

24.ª PROVA — MENINAS JUVENIS — 100 METROS — NADO DE PEITO

- Campeã — Lia Azevedo, do Vasco — 1'38"0.
- 2.º — Celia Brasil, do Fluminense — 1'40"6.
- 3.º — Maria Conceição Fernandes, do Icaraí — 1'41"0.

25.ª PROVA — ASPIRANTES — 400 METROS — NADO LIVRE

- Campeão — Paulo Monteiro Saboia, do Fluminense — 5'41"0.
- 2.º — Renato Pinheiro Cunha, do Guanabara — 5'47"0.
- 3.º — José Alentejano, do Fluminense — 5'51"0.

Uma fase movimentada do interestadual de domingo último. Remô, mesmo acossado por Afonsinho, conseguiu cabecear inteligentemente, procurando fornecer um passe a Leonidas (que não aparece na gravura). No entanto Haroldo, uma das grandes figuras do prêmio, encarregado da marcação do "Diamante", esteve sempre alerta, e cortou a "deixa" do "Napoleãozinho". A Haroldo, Balatais e Afonsinho deve o tricolor da cidade a sua discutida vitória.

